



CANTAROLANDO

ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA
AGRÍCOLA JAGUARIBANA - AEAJA



CANTAROLANDO

**ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA
AGRÍCOLA JAGUARIBANA - AEFAJA**

SUMÁRIO

DA ESCOLA-GAIOLA À ESCOLA COM ASAS	2
A DE Ó.....	3
A FESTA DA COLHEITA	4
ACOLHIDA DA FESTA DA COLHEITA	4
A HISTÓRIA NÃO FALHA.....	5
ANUNCIAÇÃO	5
A VIDA DE VIAJANTE	5
ASSIM NINGUÉM CHORA MAIS	6
A VIAGEM	6
ABRE A JANELA MEU BEM.....	6
ÁGUA DE CHUVA	7
AI QUE SODADE D'OCÊ	7
AMÉRICA LIVRE	8
ANDAR COM FÉ	8
BAIÃO DAS COMUNIDADES	8
BAIÃO DO POVO JOVEM	9
BAIÃO DA NOVA MULHER	10
BALAIÓ.....	10
BANDEIRA DE LUTA.....	10
BELEZA ILUMINADA	11
BENÇÃO DOS ALIMENTOS DA FESTA DA COLHEITA	11
BENDITO DOS ROMEIROS DA TERRA	12
CANTA, MENINADA.....	12
CANTO DE DESPEDIDA DA FESTA DA COLHEITA.....	13
CANTO DAS TRÊS RAÇAS.....	13
CANTE LÁ, QUE EU CANTO CÁ.....	14
CANTO DOS MÁRTIRES DA TERRA.....	16
CANÇÃO PRA MARGARIDA.....	16
CAMINHOS ALTERNATIVOS	17
CANÇÃO DA TERRA	17
CASA DA FLORESTA.....	18
CHEGA DE ESMOLA	18
CAUSA NOBRE.....	18
CIDADÃO	19
CASA DE SEMENTES	20
CORAÇÃO DE ESTUDANTE.....	20
CUIDE BEM DELA	20
CONSELHOS DO MEU BOM PADIM	21
CONSTRUTORES DO FUTURO	21
CIO DA TERRA	22
CORAÇÃO CIVIL	22
DEIXA-ME SER JOVEM.....	22
DE REPENTE A NOSSA VISTA CLAREOU.....	23
DESCOBRIMOS LÁ NA BASE.....	23
ENTRADA DAS OFERTAS DA FESTA DA COLHEITA	24
EU SOU FELIZ É NA COMUNIDADE	24
EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	25
EDUCAÇÃO É DIREITO E NÃO ESMOLA.....	25
ESTRELA DA TERRA.....	26
ESCOLA FAMÍLIA.....	26
EU QUERO VER	27
ESSE É O NOSSO PAÍS.....	27
FESTA DA FARINHADA	28
FESTA NA CAATINGA	28
FLORIÔ	29
GRANDE ESPERANÇA.....	29
GUARANIS.....	30
HISTÓRIA DESUMANA.....	30
HINO DA CAMPANHA POR TERRITÓRIO PESQUEIRO	31
HINO DO MST.....	32

JOVEM DA ROÇA	32
JUBILEU DA TERRA	32
LAMENTO DO POVO	33
LIBERDADE	33
LUAR DO SERTÃO	34
MANDAMENTOS DE PADRE CÍCERO	34
MIGRANTE (HINO DA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA)	35
MOMENTO NOVO	35
MEMÓRIA E CLAMOR.....	36
MINHA CIRANDA.....	36
MEU CANTO, MINHA ARMA	36
MARIA, MARIA	37
NAS HORAS DE DEUS, AMÉM!.....	37
NEGRA MARIAMA	38
NOSSOS DIREITOS VEM	38
NOSSA ALEGRIA	39
NEGRO NAGÔ	39
O PRINCÍPIO DO PRAZER	40
O QUE É, O QUE É	40
OS MENINOS EM VOLTA DA FOGUEIRA.....	40
ORDEM E PROGRESSO.....	41
O MUNDO QUE EU QUIS.....	41
PRA VALER A EDUCAÇÃO DO CAMPO	42
PORTAL DO MAR	42
PAI NOSSO DOS MÁRTIRES.....	42
PELOS CAMINHOS D'AMÉRICA	43
PROFISSÕES E LUTA	44
PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES	44
QUANDO A GENTE PLANTA	45
QUE BOM.....	46
RIACHO DO NAVIO	46
ROMARIA DA ESPERANÇA.....	46
ROMEIROS EM CAMINHADA.....	47
SEM MEDO DE SER MULHER	47
SE É PRA IR PRA LUTA	48
SABIÁ.....	48
SÃO FRANCISCO, O RIO (SINA/SAGA SECULAR)	48
SOMOS TERRA, SOMOS ÁGUA SOMOS VIDA ...	49
SOBERANIA ALIMENTAR	49
TOADA DE ABERTURA DA FESTA DA COLHEITA	50
TERRA E RAIZ.....	50
TREM DAS ONZE	51
TÁ LINDO DEMAIS	51
TOCANDO EM FRENTE.....	51
TERRA DA LIBERTAÇÃO	52
TODA SEMENTE	52
TERRA PROMETIDA	52
UM JEITO NOVO DE EDUCAR.....	53
UTOPIA	54
VERMELHO	54
XOTE AGROECOLÓGICO	54
XOTE DA CERTEZA	55

Boas vindas!

Já dizia o poeta Cosmo, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), lá das terras distantes do Acre: “Cantar é muito mais profundo, engrandece o mundo, é uma prece à natureza. Quem canta espera o milagre do pão, o pequenino grão, inundando a mesa”.

CANTAROLANDO, o Cancioneiro da Associação Escola Família Agrícola Jaguaribana, é uma coletânea de preces, de cantares, surgidos nos mais diversos cantos deste imenso país, em variados momentos, cada qual com sua história, seu significado, simbolizando sons e tons de inúmeras pessoas, comunidades e movimentos em luta.

Cantar, dançar, alegrar-se, animar-se são elementos importantes e necessários em todos os processos de transformação social, de construção do novo. Já dizia Frei Carlos Mesters: “Quando a letra casa com a melodia, a filha que nasce é a animação do povo”. Este Cancioneiro tem a missão de ajudar na animação do povo, nas atividades de Educação do Campo e Popular, de Convivência com o Semiárido e Agroecologia, em todos os movimentos e momentos que este livro-canção puder estar presente.

Aqui existem cantos para as mais diversas ocasiões da vida e da luta dos povos do campo, das águas e das florestas. Que nossos/as educandos/as e suas famílias, as comunidades com as quais trabalhamos, os movimentos e organizações parceiras acolham este Cancioneiro como mais um instrumento de fortalecimento da caminhada, que se soma a tantos outros instrumentos elaborados coletivamente e postos à serviço da vida e da esperança.

Que cantemos um canto em cada canto!

CANÇÃO À EFA JAGUARIBANA ZÉ MARIA DO TOMÉ

DA ESCOLA-GAIOLA À ESCOLA COM ASAS

(Letra e Música: Fernando Leão)

1. Se eu disser que é uma escola e você ler unidade./ Se eu disser que é professor e você ler autoridade./ Se eu disser que é do campo e você ler necessidade./ Se eu disser que é semiárido e você ler sequidão./ Se eu disser comunidade e você ler obrigação./ Se eu disser dialogada e você ler que é uma besteira./ Se a vida é apartada e encaixada numa carteira,/ essa escola é uma gaiola, essa escola é uma prisão. (bis)

2. Já se eu disser que é escola e a gente ler diversidade./ Se eu disser que é professor e a gente ler humanidade./ Se eu disser que é do campo e a gente ler felicidade./ Se eu disser que é semiárido e a gente ler comunhão./ Se eu disser comunidade e a gente ler mutirão./ Se eu disser dialogada, como a prática mais certa./ Pois se a gente ler a vida, sem fratura, toda inteira,/ essa escola nos dá asas, voa para a imensidão. (bis)

3. Escola Família Agrícola, segue, assim, dessa maneira./ Preparando o Jaguaribe para a emancipação (bis)./ Sigo nessa caravana com a EFA Jaguaribana (4x).

A DE Ó

(Milton Nascimento)

1. Estamos chegando do fundo da terra,/ estamos chegando do ventre da noite,/ da carne do açoite./ Nós somos, viemos lembrar.
2. Estamos chegando da morte dos mares,/ estamos chegando dos turvos porões,/ herdeiros dos banzos, nós somos, viemos chorar.
3. Estamos chegando dos pretos rosários,/ estamos chegando dos nossos terreiros, dos santos malditos nós somos, viemos rezar.
4. Estamos chegando do chão da oficina,/ estamos chegando do som e das formas,/ da arte negada que somos, viemos criar.
5. Estamos chegando do fundo do medo,/ estamos chegando das surdas correntes,/ um longo lamento nós somos, viemos louvar.

A DE Ó (4x)

6. Estamos chegando dos rios fogões,/ estamos chegando dos pobres bordéis,/ da carne vendida que somos,/ viemos amar.
7. Estamos chegando das velhas senzalas,/ estamos chegando das novas favelas,/ das margens do mundo nós somos, viemos dançar.
8. Estamos chegando dos grandes estádios,/ estamos chegando da escola de samba,/ sambando a revolta chegamos, viemos gingar.

A DE Ó (4x)

9. Estamos chegando do ventre de minas,/ estamos chegando dos tristes mocambos,/ dos gritos calados nós somos, viemos cobrar.
10. Estamos chegando da cruz dos engenhos,/ estamos sangrando a cruz do batismo,/ marcados a ferro nós fomos, viemos gritar.
11. Estamos chegando do alto dos morros,/ estamos chegando da lei da baixada,/ das covas sem nome chegamos, viemos clamar.
12. Estamos chegamos do chão dos quilombos,/ estamos chegando no som dos tambores,/ dos Novos Palmares nós somos, viemos lutar.

A DE Ó (4x)

A FESTA DA COLHEITA

(Pe. Machado)

A festa boa é na base da união, é a Festa da Colheita que deu em nosso sertão. (bis)

1. É a Festa da Colheita, com boa alimentação,/ tem canjica, tem pamonha, tem que o queijo e o feijão,/ tem a fruta e a verdura para a nossa refeição.

2. Toda a comunidade vem aqui pra festejar,/ faz um drama, tira verso, tocador vem animar./ Ninguém vem de mãos vazias ao Senhor se apresentar.

3. Viva o povo reunido nesta festa de valor./ Repartindo o alimento entre todos com amor./ Só Deus é quem dá grandeza grande ao irmão trabalhador.

4. Nosso Deus criou a terra, dela vem o alimento./ Essa Festa da Colheita vem trazer contentamento./ Desejamos para todos: a ninguém falte o sustento.

ACOLHIDA DA FESTA DA COLHEITA

(Pe. Machado e Ir. Siebra)

Sejam bem vindos, nossos irmãos, à nossa festa, fruto da nossa união./ Sejam bem vindas, nossas irmãs, à nossa festa, fruto da nossa união.

1. Nossa colheita festejamos com amor, vem você trabalhador pra conosco se alegrar./ Os mais idosos, rapaz, moça e criança, cada um na confiança vem alegre festejar.

2. Nossa colheita, celebrada no sertão, feita pelas nossas mãos, todos vem participar./ Na nossa festa se festeja a caminhada, tem a mesa preparada com os produtos do lugar.

3. Que alegria encontrar o nosso irmão, que trabalhando este chão produz tanto alimento./ Gente aguerrida, que deseja a igualdade, vivendo em comunidade, povo novo em movimento.

4. De todo canto vem chegando gente nossa, trabalhador da mão grossa, de toda comunidade./ Gente que luta e trabalha em mutirão, acredita nos irmãos e também na igualdade.

5. Ô Jesus Cristo, abençoei nossos irmãos, nossa mesa e nosso pão, a família e nosso lar./ Fortalecei a luta pela vida, quase sempre tão sofrida pra quem quer se libertar.

A HISTÓRIA NÃO FALHA

1. Agora, nós vamos pra luta,/ a terra que é nossa ocupar./ A terra é de quem trabalha/ e a história não falha, nós vamos ganhar./ A terra é de quem trabalha/ e a história não falha, nós vamos ganhar.

Já chega de tanto sofrer./ Já chega de tanto esperar./ A luta vai ser tão difícil,/ na lei ou na marra nós vamos ganhar (bis)

2. Quem gosta de nós somos nós/ e aqueles que vêm nos ajudar./ Por isso confia em quem luta./ A história não falha, nós vamos ganhar./ Por isso confia em quem luta./ A história não falha, nós vamos ganhar.

3. Se a gente morrer nesta luta,/ o sangue será a semente./ Justiça vamos conquistar,/ a história não falha,/ nós vamos ganhar./ Justiça vamos conquistar,/ a história não falha, nós vamos ganhar.

ANUNCIAÇÃO

(Alceu Valença)

1. Na bruma leve das paixões que vem de dentro./ Tu vens chegando pra brincar no meu quintal./ No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento/ e o sol quarando nossas roupas no varal.

Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais.
(bis)

2. A voz do anjo sussurrou no meu ouvido./ Eu não duvido, já escuto os teus sinais./ Que tu virias numa manhã de domingo./ Eu te anuncio nos sinos das catedrais.

A VIDA DE VIAJANTE

(Luiz Gonzaga)

Minha vida é andar por este país,/ pra ver se um dia descanso feliz./ Guardando as recordações das terras onde passei./ Andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei.

1. Chuva e sol, poeira e carvão, / longe de casa, sigo o roteiro, mais uma estação./ Laiá, laiá, laiá, laiá./ E a saudade no coração./ Lauê, lauê, lauê, lauê./ Lauê, lauê, lauê, lauê.

2. Mar e terra, inverno e verão, / mostro o sorriso, mostro alegria, mas eu mesmo não./ Laiá, laiá, laiá, laiá./ E alegria no coração./ Lauê, lauê, lauê, lauê./ Lauê, lauê, lauê, lauê.

ASSIM NINGUÉM CHORA MAIS

(Zé Pinto)

1. Sabemos que o capitalismo diz não ser preciso ter reforma agrária./ Seu projeto traz miséria, milhões de sem terra jogados na estrada./ Com medo de ir pra cidade, enfrentar favela, fome e desemprego./ Saída pr'essa situação é segurar as mãos de outros companheiros.

E assim já ninguém chora mais, ninguém tira o pão de ninguém./ O chão onde pisava o boi é feijão e arroz, capim já não convém. (bis)

2. Compadre junte ao movimento, convide a comadre e a criançada./ Porque a terra só pertence a quem traz nas mãos os calos da enxada./ Se somos contra o latifúndio, da mãe natureza somos aliados./ E viva a vitória no chão sem a concentração dos latifundiários.

3. Seguimos ocupando terra, derrubando cercas, conquistando o chão./ Que chore o latifundiário pra sorrir os filhos de quem colhe o pão./ E a luta por Reforma Agrária a gente até para se tiver, enfim, coragem a burguesia agrária de ensinar seus filhos a comer capim.

A VIAGEM

(Autor desconhecido)

1. Eu vim de longe pra encontrar o meu caminho,/ tinha um sorriso e o sorriso ainda valia./ Achei difícil a viagem até aqui,/ mas eu cheguei, mas eu cheguei.

2. Eu vim depressa e não vim de caminhão./ Vim caminhando pelo asfalto deste chão./ Achei difícil a viagem até aqui,/ mas eu cheguei, mas eu cheguei.

3. Eu vim por causa daquilo que não se vê,/ vim nu, descalço, sem dinheiro e o pior./ Achei difícil a viagem até aqui,/ mas eu cheguei, mas eu cheguei.

4. Eu tive ajuda de quem você não acredita,/ tive esperança de chegar até aqui./ Vim caminhando, aqui estou me decidi./ Eu vou ficar, eu vou ficar.

ABRE A JANELA MEU BEM

(Zé Vicente)

Abre a janela meu bem, vem ver o dia que vem./ Deixa o sol entrar e o vento falar que eu te quero bem.

1. Deixa a brisa da manhã te abraçar, vê a

rosa no canteiro te sorrir./

Vou pedir galo-campina pra cantar, vou mandar te dar bom-dia o bem-te-vi.

2. Essa vida só é vida com amor, acordado é o melhor jeito de sonhar./ Que o carinho seja o bom sabor e a razão pra toda hora começar.

3. Se a saudade ou o cansaço te bater, busque a força no segredo da paixão./ Não me esqueça, que eu não vou te esquecer, somos um neste país que é o coração.

ÁGUA DE CHUVA

(Roberto Malvezzi)

Colher a água, reter a água, guardar a água quando a chuva cai do céu./ Guardar em casa, também no chão e ter a água se vier a precisão.

1. No pé da casa você faz sua cisterna e guarda a água que o céu lhe enviou./ É dom de Deus, é água limpa, é coisa linda./ Todo idoso, o menino e a menina podem beber que é água pura e cristalina.

2. Você ainda vai lembrar dos passarinhos e dos bichinhos que precisam beber./ São dons de Deus, nossos irmãos, nossos vizinhos./ Fazendo isso honrará a São Francisco, a Ibiapina, Conselheiro e Padre Cícero.

3. Você ainda vai lembrar que a seca volta e vai lembrar do velho dito popular:/ “É bem melhor se prevenir que remediar”./ Zele os barreiros, os açudes e as aguadas, não desperdice sequer uma gota d’água!

AI QUE SODADE D’OCÊ

(Vital Farias)

1. Não se admire se um dia um beija-flor invadir/ a porta da tua casa, te der um beijo e partir./ Fui eu que mandei o beijo que é pra matar meu desejo./ Faz tempo que eu não te vejo,/ ai que sodade d’ocê.

2. Se acaso você se lembrar escreva uma carta pra mim./ Bote logo no correio com frase dizendo assim:/ faz tempo que eu não te vejo, quero matar meu desejo./ Te mando um monte de beijo,/ ai que sodade sem fim.

3. E se quiser recordar aquele nosso namoro,/ quando eu ia viajar ocê caía no choro./ Eu chorando pela estrada, o que é que eu posso fazer./ Trabalhar é minha sina, eu gosto mesmo é de ocê.

AMÉRICA LIVRE

(Milico)

1. América Latina de sangue e suor, eu quero pra ti um dia melhor./ Este povo que sofre pela mesma razão, grita por liberdade numa nova canção.

América, América, sou teu filho e digo um dia eu quero ser livre contigo. (bis)

2. América morena do velho e do novo, construindo a história na luta do povo./ Numa guerra de força contra o imperialismo, que dos povos da América é o grande inimigo.

3. América livre quero te ver um dia, teu povo nas ruas com a mesma alegria./ Gritar a vitória no campo e cidade e empunhar a bandeira da liberdade.

ANDAR COM FÉ

(Gilberto Gil)

Andar com fé eu vou, que a fé não costuma “faiá”. (4x)

1. Que a fé tá na mulher, a fé tá na cobra coral, ô-ô, num pedaço de pão./ A fé tá na maré, na lâmina de um punhal, ô-ô, na luz, na escuridão.

2. A fé tá na manhã, a fé tá no anoitecer, ô-ô, no calor do verão./ A fé tá viva e sã, a fé também tá no morrer, ô-ô, triste na solidão.

3. Certo ou errado até, a fé vai onde quer que eu vá, ô-ô, a pé ou de avião./ Mesmo a quem não tem fé, a fé costuma acompanhar, ô-ô, pelo sim, pelo não.

BAIÃO DAS COMUNIDADES

(Zé Vicente)

Somos gente nova vivendo a união,/ somos povo semente de uma nova nação! Ê, ê!/ Somos gente nova vivendo o amor,/ somos comunidades, povo do Senhor! Ê, ê!

1. Vou convidar os meus irmãos trabalhadores,/ operários, lavradores, biscateiros e outros mais./ E juntos vamos celebrar a confiança,/ nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz, ê, ê!

2. Vou convidar os índios que ainda existem, as tribos que ainda insistem no direito de viver./ E juntos vamos, reunidos na memória,/ celebrar uma vitória, que vai ter que acontecer, ê, ê!

3. Convido os negros, irmãos no sangue e

na sina,/ seu gingado nos ensina, a dança da redenção./ De braços dados, no terreiro da irmandade,/ vamos sambar de verdade, enquanto chega a razão, ê, ê!

4. Vou convidar Oneide, Rosa, Ana Maria,/ a mulher que noite e dia luta e faz nascer o amor./ E reunidas no altar da liberdade,/ vamos cantar de verdade,/ vamos pisar sobre a dor, ê, ê!

5. Vou convidar a criançada e a juventude,/ tocadores me ajudem, vamos cantar por aí./ O nosso canto vai encher todo o país,/ velho vai dançar feliz, quem chorou vai ter que rir, ê, ê!

6. Desempregados, pescadores, desprezados /e os marginalizados, venham todos se ajuntar/ à nossa marcha pra nova sociedade,/ quem nos ama de verdade, pode vir, tem um lugar.

BAIÃO DO POVO JOVEM

(Zé Vicente)

1. Os punhos no ar, sonho novo,/ nós somos sementes do povo,/ queremos ser livres, amar!/ Trazemos no peito a esperança,/ a história na mão, confiança/ que um dia nós vamos ganhar!

2. Aonde tem gente se unindo,/ depressa nós vamos sorrindo,/ nós cremos no novo amanhã./ Já chega de morte, injustiça!/ Abaixo o egoísmo e a preguiça,/ da vida nós somos os fãs!

Vamos lá, vamos lá! A história ninguém deterá,/ é rio que corre pro mar./ Ninguém vai nos calar, nos calar!

3. Um ano pro jovem é pouco,/ pra gente vencer o sufoco,/ a vida completa se dá:/ escola, trabalho, alegria!/ Bandeira de todos os dias!/ Na marcha, nós vamos levar!

4. Queremos dizer aos senhores,/ políticos, nobres, doutores,/ com suas multinacionais./ Não somos produto na praça,/ tampouco nós achamos graça,/ o fel tá amargo demais!/ Vamos lá! Vamos lá!

5. Levante essa voz companheiro,/ e abra o olho ligeiro,/ não fuja da luta, jamais!/ Em cada caminho e na rua,/ assume essa causa que é tua,/ semeie a semente da paz!/ Vamos lá! Vamos lá.

BAIÃO DA NOVA MULHER

(Zé Vicente)

Viva, viva, a mulher desta nação,/ que vai gerando no ventre a nova semente da libertação./ E vem trazendo no sangue a semente nova da revolução.

1. Sertaneja, manhã cedo, vai ela sem medo, já vai trabalhar./ Trabalho duro, suado, bolsão conquistado a duro penar./ Sai de casa, come nada e sem deixar nada pros filhos comer./ Volta trazendo um pouquinho, o ganho mesquinho não dá pra viver.

2. Mulher do povo humilhado, comprado, enganado em toda nação./ Mulher do povo ambulante, tocado a ferro, tangido do chão./ Pode ainda ser diferente se o olho da gente aberto enxergar,/ o mal que mata a pobreza, se unindo a certeza a gente lutar.

3. Companheira nordestina, constrói nova sina, vamos caminhar./ Ganhando a terra e a rua, a força que é tua ninguém vai quebrar./ Traz os teus filhos na praça, na lei ou na raça, a vitória já vem./ Une o teu braço ao do homem pra vencer a fome e cantar o bem.

BALAIO

Balaio é coisa comum, que em toda morada tem./ Não custa muito dinheiro, nem custa fazer também.

1. Eu quero levar comigo, pra sempre no coração,/ as lições que o balaio ensina, como é bela a união.

2. Os cipós vivem à toa, no mato sem serventia./ Mas quando eles se ajuntam, eles tem força e valia.

BANDEIRA DE LUTA

(Pedro O. da Silva)

Traga a bandeira de luta,/ deixa a bandeira passar./ Essa é a nossa conduta, / vamos unir pra mudar. (bis)

1. Deixe fluir a esperança, porque na lembrança vamos resgatar./ Guardada bem na memória, a nossa história vai continuar.

2. Baticundum na bandeira, o baticundum da mudança chegou./ É na roça, é na cidade, na sociedade sou trabalhador.

3. Temos um projeto novo de cidadania do Libertador./ Não fique fora, parado, se junte à moçada, é nessa que eu vou.

4. Você um jovem consciente ajude a gente se organizar./ Buscando a cidadania e no dia-a-dia vamos chegar lá.

BELEZA ILUMINADA

(Roberto Malvezzi)

1. Eu tô falando da beleza iluminada,/ que no Sertão Deus fez com jeito de menina./ De madrugada ela segue pela estrada,/ caminhando com leveza feito uma bailarina.

2. Nesse cenário que contém rara beleza,/ a lata d'água se equilibra na cabeça./ E a menina segue esguia e retilínea,/ juntando a delicadeza com a força feminina.

Ai, ai, ai, ai,/ é a lata d'água naquele vai que num vai./ Cai, cai, cai, cai,/ é o balanço da cintura que balança, mas não cai. (bis)

3. E vai sonhando apesar das incertezas,/ que o sofrimento seja coisa do passado,/ que o seu corpo seja só luz e beleza,/ o gingo de passista e o jeito de princesa.

4. Que o seu corpo fique leve, lindo e solto/ e libertado desse peso duro e morto./ A sua aura seja plena de alegria/ para o amor que com certeza ela encontrará um dia.

BENÇÃO DOS ALIMENTOS DA FESTA DA COLHEITA

(L: Pe. Machado; M: D.P.)

1. É bendita esta mesa, fruto da comunidade,/ onde o pão é repartido entre todos na igualdade. (bis)

2. É bendita toda mesa onde o pão é repartido./ O trabalho é partilhado, alimento garantido. (bis)

3. São benditos os que comem, rodeando a mesma mesa./ Pra conquistar nova terra, tendo seu pão com grandeza. (bis)

4. É bendito, abençoado, quem reparte o seu pão./ É bendito quem celebra nosso Deus com gratidão! (bis)

5. Que Deus abençoe a nós, nossa mesa e nosso lar,/ abençoe quem produziu, preparou pra partilhar. (bis)

6. Em nome do nosso Pai, que a terra nos entregou./ E do Filho nosso irmão, Pão da Vida se tornou./ E do Espírito Amor, que seu povo libertou. (bis)

BENDITO DOS ROMEIROS DA TERRA

(Zé Vicente)

1. Bendita e louvada seja esta santa Romaria./
Bendito o povo que marcha, bendito povo que
marcha, tendo Cristo como guia./ Bendito o
povo que marcha, bendito povo que marcha,
tendo Cristo como guia.

Sou, sou teu Senhor./ Sou povo novo,
retirante e lutador./ Deus dos peregrinos, dos
pequeninos, Jesus Cristo Redentor!

2. No Egito, antigamente, do meio da
escravidão,/ Deus libertou o seu povo, hoje
Ele passa de novo, gritando a libertação./
Deus libertou o seu povo, hoje Ele passa de
novo, gritando a libertação.

3. Para a terra prometida o povo de Deus
marchou./ Moisés andava na frente, hoje
Moisés é a gente quando enfrenta o opressor./
Moisés andava na frente, hoje Moisés é a
gente quando enfrenta o opressor.

4. Quem é fraco Deus dá força, quem
tem medo sofre mais./ Quem se une ao
companheiro, vence todo o cativo, é feliz
e tem a paz./ Quem se une ao companheiro,
vence todo o cativo, é feliz e tem a paz.

5. Meu São Francisco das Chagas, da matriz
do Canindé./ Sede a nossa companhia, nesta
grande Romaria, pra terra que a gente quer./
Sede a nossa companhia, nesta grande
Romaria, pra terra que a gente quer.

6. Romeiros de São Francisco, devotos do
meu Padim./ Vamos juntar nossos braços,
vamos unir nossos passos, que este mal terá
um fim./ Vamos juntar nossos braços, vamos
unir nossos passos, que este mal terá um fim.

CANTA, MENINADA

(Zé Vicente)

1. Canta, canta meninada, canta alegre esta
canção. Esta canção!/ No embalo desse canto
vai dançar meu coração. Meu coração!

2. Criançada faça a roda que a esperança
quer dançar./ Vão em frente abrir caminhos./
Nova história quer chegar. Lálálálálálálálálá.

3. Batam palmas pra alegria, cantem cantigas
de amor./ Um sorriso pra amizade./ Dancem,
pisem sobre a dor. Lálálálálálálálálá.

4. Vamos chamar a justiça pra entrar nesse
cordão./ Cada mesa, com certeza, vai ter
festa, vai ter pão. Lálálálálálálálálá.

5. Vão plantar de porta em porta sementes de liberdade./ Pichem frases bem teimosas pelos muros da cidade. Lálálálálálálálálá.

6. Com as cores do arco-íris façam o mais lindo balão./ Cada noite mais escura vai ser noite de São João. Lálálálálálálálálá.

7. Canta, canta, canta meninada./ Nossa história tem que ser mudada./ Dança, dança, dança meninada./ Nossa história tem que ser mudada./ Roda, roda, roda meninada./ Nossa história tem que ser mudada./ Pula, pula, pula meninada. Nossa história tem que ser mudada. Grita, grita, grita meninada./ Nossa história tem que ser mudada.

CANTO DE DESPEDIDA DA FESTA DA COLHEITA

(D.P. Adapt: Pe. Machado)

1. Estamos reunidos com tanta amizade (bis)./ Mas a despedida nos deixa saudades! (bis)

2. Deus criou a terra pra quem a trabalha (bis)./ Vamos conquistá-la, pois Ele não falha. (bis)

3. Quando o sol desponta, que satisfação (bis)./ Cresce a esperança da libertação. (bis)

4. Adeus companheiros de tanta valia (bis)./ Vamos para a luta com muita alegria! (bis)

5. Quando o sol se esconde seu dourado vai (bis)./ Vamos para casa com Deus, nosso Pai. (bis)

6. Adeus companheiros de tanto valor (bis)./ Até para o ano se nós vivos for! (bis)

CANTO DAS TRÊS RAÇAS

(Paulo César Pinheiro)

1. Ninguém se ouviu um soluçar de dor num canto do Brasil./ Um lamento triste sempre ecoou, desde que o índio guerreiro foi pro cativo e de lá cantou./ Negro entoou um canto de revolta pelos ares, no Quilombo dos Palmares, onde se refugiou./ Fora a luta dos inconfidentes pela quebra das correntes, nada adiantou./ E de guerra em paz, de paz em guerra todo povo desta terra quando pode cantar, cantar de dor ô, ô.

Ô, ô (bis)

2. Ecoa noite e dia, é ensurdecedor./ Ai, mas que agonia, o canto do trabalhador./ Este canto que devia ser um canto de alegria, soa apenas como um soluçar de dor, ô, ô.

CANTE LÁ, QUE EU CANTO CÁ **(Patativa do Assaré)**

1. Poeta, cantô de rua./ que na cidade nasceu./ Cante a cidade que é sua,/ que eu canto o sertão que é meu.

2. Se aí você teve estudo,/ aqui Deus me ensinou tudo/ sem de livro precisa./ Por favô, não mêxa aqui,/ que eu também não mexo aí./ Cante lá, que eu canto cá.

3. Repare que a minha vida é deferente da sua./ A sua rima pulida, nasceu no salão da rua./ Já eu sou bem deferente./ Meu verso é como a simente/ que nasce inriba do chão./ Não tenho estudo nem arte./ A minha rima faz parte das obra da criação.

4. Você teve inducação,/ aprendeu munta ciência./ Mas das coisa do sertão não tem boa esperiência./ Nunca fez uma paioça,/ nunca trabaiou na roça,/ não pode conhecê bem./ Pois nesta penosa vida,/ só quem provou da comida sabe o gosto que ela tem.

5. Pra gente cantá o sertão/ precisa nele mora./ Tê armoço de feijão e a janta de mucunzá./ Vivê pobre, sem dinheiro,/ socado dentro do mato./ De apragata currelepe,/ pisando inriba do estrepe,/ brocando a unha-de-gato.

6. Você é muito ditoso,/ sabe lê, sabe escrevê./ Pois vá cantando o seu gozo,/ que eu canto meu padecê./ Inquanto a felicidade você canta na cidade,/ cá no sertão eu infrento a fome, a dô e a misera./ Pra sê poeta divera precisa tê sofrimento.

7. Sua rima, inda que seja/ bordada de prata e de ôro./ Para a gente sertaneja é perdido este tesôro./ Com o seu verso bem feito/ não canta o sertão direito,/ porque você não conhece./ Nossa vida aperreada/ e a dô só é bem cantada, cantada por quem padece.

8. Só canta o sertão direito/ com tudo quanto ele tem./ Quem sempre correu estreito, sem proteção de ninguém./ Coberto de precisão, suportando a privação, com paciência de Jó./ Puxando o cabo da inxada,/ na quebrada e na chapada, moiadinho de suó.

9. Amigo, não tenha quêxa,/ veja que eu tenho razão/ em lhe dizê que não mêxa nas coisa do meu sertão./ Pois, se não sabe o colega,/ de quá manêra se pega num ferro pra trabaiá./ Por favô, não mêxa aqui,/ que eu também não mêxo aí./ Cante lá, que eu canto cá.

10. Mas, porém, eu não invejo/ o grande

tesôro seu,/ os livro do seu colejo, onde você aprendeu./ Pra gente aqui sê poeta/ e fazê rima compreta não precisa professô./ Basta vê no mês de maio/ um poema em cada gaio/ e um verso em cada fulô.

11. Seu verso é uma mistura,/ é um tá sarapaté./ Que quem tem pôca leitura lê, mais não sabe o que é./ Tem tanta coisa incantada,/ tanta deusa, tanta fada,/ tanto mistéro e condão./ E ôtros negoço impossível,/ eu canto as coisa visive do meu querido sertão.

12. Canto as fulô e os abróio,/ com todas coisa daqui./ Pra toda parte que eu óio vejo um verso se bulí./ Se as vêz andando no vale,/ atrás de curá meus male,/ quero repará pra serra./ Assim que eu óio pra cima,/ vejo um divule de rima caindo inriba da terra.

13. Mas tudo é rima rastêra, de fruita de jatobá./ De fôia de gamelêra e fulô de trapiá./ De canto de passarinho e da poêra do caminho,/ quando a ventania vem./ Pois você já tá ciente./ Nossa vida é deferente e nosso verso também.

14. Repare que diferença/ iziste na vida nossa./ Inquanto eu tô na sentença,/ trabaiando em minha roça./ Você lá no seu descanso,/ fuma o seu cigarro manso,/ bem perfumado e sadio./ Já eu, aqui tive a sorte,/ de fumá cigarro forte,/ feito de paia de mio.

15. Você, vaidoso e facêro/ toda vez que qué fumá./ Tira do bôrsos um isquêro, do mais bonito metá./ Eu que não posso com isso,/ puxo por meu artifiço,/ arranjado por aqui./ Feito de chifre de gado,/ cheio de argodão queimado,/ boa pedra e bom fuzí.

16. Sua vida é divertida/ e a minha é grande pena./ Só numa parte de vida nós dois samo bem iguá./ É no dereito sagrado,/ por Jesus abençoado,/ pra consolá nosso pranto./ Conheço e não me confundo,/ da coisa mió do mundo,/ nós goza do mesmo tanto.

17. Eu não posso lhe invejá,/ nem você invejá eu./ O que Deus lhe deu por lá,/ aqui Deus também me deu./ Pois minha boa muié,/ me estima com munta fé,/ me abraça, beja e qué bem./ E ninguém pode negá/ que das coisa naturá,/ tem ela o que a sua tem.

18. Aqui findo esta verdade,/ toda cheia de razão./ Fique na sua cidade,/ que eu fico no meu sertão./ Já lhe mostrei um ispeio,/ já lhe dei grande conseio,/ que você deve toma./ Por favô, não mexa aqui./ Que eu também não mêxo aí./ Cante lá, que eu canto cá

CANTO DOS MÁRTIRES DA TERRA

(Zé Vicente)

1. Venham todos, cantemos um canto
que nasce da terra./ Canto novo de paz e
esperança

em tempos de guerra./ Nesse instante há
inocentes tombando nas mãos de tiranos./
Tomar terra, ter lucro matando são estes
seus planos./ Lavradores, Raimundo, José,
Margarida, Nativo./ Assumir sua luta e seu
sonho por nós é preciso./ Haveremos de
honrar

todo aquele que caiu lutando/ contra os muros
e cercas da morte, jamais recuando.

Eis o tempo de graça, eis o dia da libertação./
De cabeças erguidas e braços unidos, irmãos./
Haveremos de ver qualquer dia chegando a
vitória./ O povo nas ruas fazendo a história./
Crianças sorrindo em toda a nação.

2. Companheiros, no chão desta pátria é
grande a peleja./ No altar da Igreja seu
sangue bem vivo lateja./ Sobre as mesas de
cada família há frutos marcados./ E a flores
vermelhas gritando por sobre os roçados./
Ó Senhor, Deus da vida, escute este nosso
cantar./ Pois contigo o povo oprimido há de
sempre contar./ Para além da injúria e da
morte conduz nossa gente./ Que teu reino
triunfe na terra deste continente.

CANÇÃO PRA MARGARIDA

(Zé Vicente)

1. Não faz muito tempo, seu moço, nas
terras da Paraíba, viveu uma mulher de fibra,
MARGARIDA se chamou./ E o patrão com uma
bala, tentou calar sua fala, e o SONHO dela
espalhou./ Já faz muito tempo, seu moço, que
em riba deste chão e em toda a nossa nação,
o pobre é pra lá e pra cá./ Lavrador faz mas
não come e a miséria é sobrenome do povo
deste lugar./ E quando na carne da gente
mordia a opressão, MARGARIDA erguia a
mão e o seu grito era o nosso clamor! (bis)

2. Daqui há algum tempo, seu moço, se
a gente não se cuidar, se o pobre não se
ajuntar, tubarão engole alegria./ Pois o jeito
é treinar o braço, pra desatar esse laço que
amarra a fulô do dia! E quando na roça da
gente brilhar as espigas, vai ter festa e nas
cantigas MARGARIDA vai viver! E quando na

praça e na rua florir MARGARIDAS, vai ser bonito de ver, vai ser bonito de ver, vai ser bonito VIVER!

CAMINHOS ALTERNATIVOS

(Zé Pinto)

1. Se plantar o arroz ali, se plantar o milho acolá,/ um jeito de produzir pra gente se alimentar./ Primeiro cantar do galo já se levanta da cama/ e o camponês se mistura à terra que tanto ama.

Amar o campo ao fazer a plantação./ Não envenenar o campo é purificar o pão./ Amar a terra, e nela plantar semente./ A gente cultiva ela e ela cultiva a gente./ A gente cultiva ela e ela cultiva a gente.

2. Choro virou alegria, a fome virou fartura./ E na festa da colheita, viola em noite de lua../ Mutirão é harmonia, com cheiro de natureza./ O sol se esconde na serra e a gente ascende a fogueira.

3. Quando se venena a terra, a chuva leva pro rio./ Nossa poesia chora, se a vida tá por um fio./ E ela é pra ser vivida com sonho, arte e beleza./ Caminhos alternativos e alimentação na mesa.

CANÇÃO DA TERRA

(Pedro Munhoz)

1. Tudo aconteceu num certo dia, hora da Ave Maria, o universo viu gerar./ No princípio o Verbo se fez fogo, nem atlas tinha o globo, mas tinha nome o lugar./ Era Terra, Terra. Era Terra, Terra.

2. E fez o Criador a natureza, fez os campos e florestas, fez os bichos, fez o mar./ Fez por fim, então, a rebeldia que nos dá a garantia, que nos leva a lutar./ Pela Terra, Terra. Pela Terra, Terra.

3. Madre Terra, nossa esperança, onde a vida dá seus frutos, o teu filho vem cantar./ Ser e ter o sonho por inteiro, sou Sem Terra, sou guerreiro, co'a missão de semear./ A Terra, Terra. A Terra, Terra,

4. Mas, apesar de tudo isso, o latifúndio é feito um inço que precisa acabar./ Romper as cercas da ignorância, que produz a intolerância, terra é de quem plantar./ A Terra, Terra. A Terra, Terra.

CASA DA FLORESTA

(Nanan)

Eu quero morar numa casinha feita a mão./
Numa floresta onde eu possa plantar o que
eu quiser/ e andar de pé no chão.

1. E vou plantar abacaxi com banana,/
mandioca, cacau, batata-doce, feijão./ Palmito
e um café bem bonito/ lá na sombra da laranja
e do mamão./ Sob a copa do coqueiro, açai,
abacateiro, cajueiro e maracujá./ E lá no alto
a seringueira com o guapuruvu,/ na beira
contemplando uma vista pro mar./ Porque...

2. E vai ter trilha pro rio, cachoeira e cascata/
no berro do tucano e canto do sabiá./ No
voar da borboleta, a saíra bem faceira./ fica a
espreita na procura do jantar./ Abelha nativa
fazendo colmeia,/ Colhendo pra lá e pra cá./
Espero que tenha um fogão à lenha/ e muito
pra que celebrar. Porque...

3. Com o cuidado do facão, apagar a ilusão/
de que o que é bom é o que produz demais./
Confiar na natureza sem manchar tua beleza/
com veneno e outras cosas mais./ Ter uns
oito cachorros pra fazer a festa/ bem logo
assim que eu chegar./ Sem ócio ou moleza
curtir com firmeza aquilo que a terra nos dá.

CHEGA DE ESMOLA

(Roberto Malvezzi)

Dar esmola seu doutor para um homem que
é são, ou lhe mata de vergonha ou vicia o
cidadão.

Olhando o sertão bonito (bis),/ e as águas
que ele tem (bis),/ e as terras que ele tem
(bis)./ Então eu pergunto a Deus porque tanta
terra em tão poucas mãos./ E eu como filho
de Deus não tenho nem terra, nem água nem
pão./ Chega de esmola, chegou a hora de ser
cidadão. (bis)

CAUSA NOBRE

(Zé Pinto)

1. Partindo da necessidade de ter um pedaço
de chão,/ pra dar o sustento aos filhos, aos
filhos de nossa nação./ Cansado de pôr a
enxada na terra apenas do patrão/ e ver
chegar o fim do ano, tantos desenganos, sem
nenhum tostão. (bis).

2. Sem terra estão se organizando, de norte a

sul deste país,/ pra derrubar o latifúndio, que deixa o povo sem raiz./ Cansado de tantas promessas e ver tanta enganação./ Jogada dos politiqueiros, que o tempo inteiro roubam a nação. (bis)

3. O vento sempre em companhia, em cima de um caminhão./ No peito vai muita vontade de ver o fruto desta ação./ E vai também a mulherada com muita participação./ Mostrando com capacidade que tem outras lutas além do fogão. (bis)

4. E a luta segue organizada, com muita determinação./Derrubando as cercas da morte e o poder do tubarão./ Nas mãos de quem nela trabalha e o fim dessa concentração./ Pois ela sim é mãe dos pobres, nesta causa nobre da revolução. (bis)

CIDADÃO

(Lúcio Barbosa)

1. Tá vendo aquele edifício moço? Ajudei a levantar!/ Foi um tempo de aflição, era quatro condução: duas pra ir, duas pra voltar!/ Hoje, depois dele pronto, olho pra cima e fico tonto, mas me chega um cidadão./ E me diz desconfiado, tu taí admirado ou tá querendo roubar?/ Meu Domingo tá perdido, vou pra casa entristecido, dá vontade de beber!/ E pra aumentar o meu tédio, eu nem posso oiá pro prédio que eu ajudei a fazer.

2. Tá vendo aquele colégio, moço? Eu também trabalhei lá./ Lá eu quase me arrebento, fiz a massa, pus cimento, ajudei a rebocar./ Minha filha inocente, vem pra mim toda contente, pai vou me matricular!/ Mas me diz um cidadão, “criança de pé no chão aqui não pode estudar!”/ Esta dor doeu mais forte, por que eu deixei o norte? E me pus a me dizer./ Lá a seca castigava, mas o pouco que eu plantava tinha direito a comer.

3. Tá vendo aquela Igreja, moço, onde o padre diz: Amém?/ Pus o sino e o badalo, enchi minhas mão de calo,/ lá eu trabalhei também!/ Lá, sim, valeu a pena, tem quermesse, tem novena e o padre me deixa entrar!/ Foi lá que Cristo me disse: rapaz, deixe de tolice, não se deixe amedrontar!/ Foi eu quem criou a terra, enchi o rio, fiz a serra, não deixei nada faltar./ Hoje o homem criou asa e na maioria das casas eu também não posso entrar!

CASA DE SEMENTES

(L: Pe. Machado; M: D.P.)

1. Vamos juntos preparar todo o povo consciente,/ o futuro da lavoura, nossa Casa de Sementes. (bis)
2. Nosso Deus nos quer unidos e vivendo no sertão./ Todos nós com terra é água, produzindo nosso pão. (bis)
3. Vamos todos, companheiros, garantindo autonomia./ Trabalhar em mutirão por nossa soberania. (bis)
4. Camponeses se unindo, vivendo em comunidade,/ construindo vida nova, mundo novo de igualdade. (bis)
5. Jesus Cristo é a luz que o mundo alumia,/ pra que dos nossos direitos não nos falte a garantia./ E com a Casa de Sementes cresça a cidadania. (bis)

CORAÇÃO DE ESTUDANTE

(Milton Nascimento)

1. Quero falar de uma coisa./ Adivinha onde ela anda. /Deve estar dentro do peito/ ou caminha pelo ar./ Pode estar aqui do lado,/ bem mais perto que pensamos./ A folha da juventude/ é o nome certo desse amor.
2. Já podaram seus momentos./ Desviaram seu destino./ Seu sorriso de menino/ quantas vezes se escondeu./ Mas renova-se a esperança./ Nova aurora a cada dia./ E há que se cuidar do broto/ pra que a vida nos dê flor, flor e fruto.
3. Coração de estudante./ Há que se cuidar da vida./ Há que se cuidar do mundo./ Tomar conta da amizade./ Alegria e muito sonho/ espalhados no caminho. Verdes, planta e sentimento,/ folhas, coração, juventude e fé.

CUIDE BEM DELA

(Letra e Música: Jairo de Carvalho, o Darin da Calunguinha)

Romã! Romã! Quem no sertão encontrar,/ um bicho feito de terra, vento e água para amar./ Jacarandá! Quem procura já achou./ É meu irmão, minha irmã, feitos por Deus Criador.

1. A terra do semiárido, Deus molhou, nela soprou e assim nos fez./ Em nós tem água, tem o ar, tem terra. E Deus pediu para cuidar de todas três.
2. Na terra do semiárido, Deus fez roçado, um

pomar e um jardim./ Nesse lugar fez a nossa casa e nos pediu: “Cuide bem dela. Olhe pra mim”.

3. Deus pediu pra dar nome aos bichos, do que berra ao que faz zum-zum no céu./ Cuidem dos bichos do semiárido, pois é tua ‘terra onde corre leite e mel’.

CONSELHOS DO MEU BOM PADIM

(Letra e Música: Jairo de Carvalho, o Darin da Calunguinha)

O que vale pra nós, vale pra mim./ Escute o conselho do meu Bom Padim. (bis)

1. Não derrube o mato, nem um pé de pau./ Fogo no roçado só faz muito mal (bis)/ Bote num cercado a cabra e o bode,/ que o pasto descansa e tem boa sorte (bis).

2. Não queime a caatinga, deixe-a florescer./ Não cacem os bichos, mas deixem viver. (bis)./ Não plante na serra pra cima ou pra baixo,/ que a chuva te leva a serra e o roçado (bis).

3. Plante, cada dia, um pé de algaroba,/ caju, sabiá nesse sertão a fora (bis)./ Conviver com a seca as plantas te ensinam./ Jurema, favela, maniçoba é mina (bis).

4. Faça cisterna, junte água da chuva./ Represe os riachos com pedra enxuta (bis)./ O povo não é bobo, vai obedecendo./ A seca acabando e o sertão vivendo (bis).

CONSTRUTORES DO FUTURO

(Letra e Música: Gilvan Santos)

1. Eu quero uma Escola do Campo que tem a ver com a vida, com a gente./ Querida e organizada, e conduzida coletivamente./ Eu quero uma Escola do Campo que não enxergue apenas equações./ Que tenha como chave mestra o trabalho e os mutirões. Eu quero uma Escola do Campo que não tenha cercas, que não tenha muros./ Onde iremos aprender a sermos construtores do futuro (bis).

2. Eu quero uma Escola do Campo onde o saber não seja limitado./ Que a gente possa ver o todo e possa compreender os lados./ Eu quero uma Escola do Campo onde esteja o ciclo da nossa semente./ Que seja como a nossa casa./ Que não seja como a casa alheia.

CIO DA TERRA

(Chico Buarque)

1. Debulhar o trigo, recolher cada bago do trigo./ Forjar no trigo o milagre do pão/ E se fartar de pão.
2. Decepar a cana, recolher a garapa da cana./ Roubar da cana a doçura do mel, se lambuzar de mel.
3. Afagar a terra, conhecer os desejos da terra./ Cio da terra, propícia estação, e fecundar o chão.

CORAÇÃO CIVIL

(Milton Nascimento)

1. Quero a utopia, quero tudo e mais./ Quero a felicidade dos olhos de um pai./ Quero a alegria muita gente feliz./ Quero que a justiça reine em meu país./ Quero a liberdade, quero o vinho e o pão./ Quero ser amizade, quero amor, prazer./ Quero a nossa cidade sempre ensolarada./ Os meninos e o povo no poder, eu quero ver!
2. São José da Costa Rica, coração civil./ Me inspire no meu sonho de amor Brasil./ Se o poeta é o que sonha o que vai ser real,/ bom sonhar coisas boas que o homem faz/ e esperar pelos frutos no quintal.
3. Sem a polícia, nem a milícia, nem feitiço, cadê poder?/ Viva a preguiça, viva a malícia que só a gente é que sabe ter./ Assim dizendo a minha utopia eu vou levando a vida,/ eu viver bem melhor./ Doido pra ver o meu sonho teimoso um dia se realizar.

DEIXA-ME SER JOVEM

(Autor desconhecido)

Deixa-me ser jovem, não me impeça de lutar,/ pois a vida nos convida a uma missão realizar.

1. Deixa-me ser jovem, ser livre pra sonhar./ Não reprima, não reprove o meu jeito de amar.
2. Fazer também a história e não ser ignorado,/ preservar os meus valores e não ser massificado.
3. Muitos jovens sem saber esbanjaram sua idade, alienados se entregaram aos dragões da sociedade.
4. Não me sinto revoltado, mas quero me explicar:/ de tanto ser explorado, eu me pus a protestar.

5. Não nasci para servir como peça de engrenagem,/ nem ser coisa que se vende ou se compra por vantagem.

6. Quero ser considerado como “ser” filho de Deus./ Realizar os meus anseios, cada vez sendo mais eu.

DE REPENTE A NOSSA VISTA CLAREOU (Zé Vicente)

De repente nossa vista clareou, clareou, clareou. / E descobrimos que o pobre tem valor, tem valor, tem valor!

1. Nós descobrimos o valor da união, que é arma poderosa e derruba até dragão./ E já sabemos que a riqueza do patrão e o poder dos governantes passam pela nossa mão.

2. Nós descobrimos que a seca do Nordeste, que a fome e que a peste não é culpa de Deus Pai./ A grande culpa é de quem manda no país, fazendo o pobre infeliz, desse jeito é que não vai.

3. O que nós vemos é deputado e senador, o banqueiro, o jogador, recebendo seus milhões./ Enquanto isso o povo trabalhador, derramando seu suor tem que viver de tostões.

4. Temos certeza que Deus Pai Libertador, lá na bíblia nos deixou o caminho pra seguir./ Uniu seu povo que era escravo no Egito, faraó ficou aflito e Moisés pôde seguir.

DESCOBRIMOS LÁ NA BASE (Zé Pinto)

1. Descobrimos lá na base que a tal reforma agrária do papel não vai sair./ Pelo pedaço de chão, para colher o nosso pão, vamos ter que nos unir./ Companheiro e companheira, vitória vai ser ligeira se todos se organizarem./ A gente faz acampamento, tira pão para o sustento e reforma agrária é pra já.

E vamos entrar naquela terra e não vamos sair./ Nosso lema é ocupar, resistir e produzir.
(bis)

2. A gente faz caravana, arrisca entrar em cana, mas tem que ser por aí./ Sindicatos combativos, isto tudo é preciso para a luta prosseguir./ A classe trabalhadora, que é a mais sofredora, já começa a perceber/ que nós somos a maioria e que vai chegar o dia

com um novo amanhecer.

3. Pelo fim do latifúndio, chega João, chega Raimundo, isso vai ter que mudar./ Nessa América Latina, será que a nossa sina vai ser sofrer sem parar./ Mas nisso eu não acredito, por isso eu tenho dito, vamos todos dar às mãos./ É a força popular levantando essa bandeira, reforma agrária é no chão.

4. Se for dura essa parada, a gente pega na marra, não dá pra ser diferente./ Pois os homens têm dinheiro, compram armas no estrangeiro pra poder matar a gente./ Contra esse capitalismo, vamos firmes, decididos, não deixar pra outra hora./ É a classe organizada, passo a passo nesta estrada, construindo a sua história.

ENTRADA DAS OFERTAS DA FESTA DA COLHEITA

(L: Machado e Zé Neto; M: D.P.)

1. Para trabalhar com gosto a família tem que ter/ terra, água, ferramenta, a semente e o que comer./ Planejar sempre a ação, conhecer bem o sertão, para o trabalho render. (bis)

2. Com os ferros preparamos nossa terra pra plantar./ Vamos cavando e tirando, com o esterco a adubar./ O terreno melhorando, a produção aumentando, nosso pão não vai faltar. (bis)

3. Chapéu, mochila, cabaça, companheiros do roçado./ Alimento e proteção pra trabalhar animado./ Homem, mulher e criança, caminhando a esperança de vivermos libertados. (bis)

4. Daquilo que produzimos u'a amostra está vindo./ Ofertando ao nosso Deus, com os irmãos repartindo./ É a Festa da Colheita, a família satisfeita, nosso povo reunindo. (bis)

5. Ofertando o compromisso nossa luta reforçar./ E a Casa de Sementes vamos aqui implantar./ Semente de qualidade, quem tiver necessidade, de nós pode se acostar. (bis)

EU SOU FELIZ É NA COMUNIDADE

Eu sou feliz é na comunidade./ Na comunidade eu sou feliz. (bis)

1. A nossa comunidade luta por libertação,/ pra formar uma corrente e quebrar a opressão.

2. O trabalhador unido as coisas vão melhorar./ Luta por Reforma Agrária para na terra plantar.
3. Tantos pobres sem a terra, sem ter casa pra morar./ Lutam pelos seus direitos para a vida melhorar.
4. A nossa comunidade se reúne todo dia,/ a nossa comunidade se transforma em alegria.
5. Nós cantemos um bendito, depois um “pelo sinal”,/ uma lê o Evangelho e todos vamos comentar.
6. Os pobres fizeram um plano, isto eles querem ganhar,/ lutar pelos seus direitos para a vida melhorar.

EDUCAÇÃO DO CAMPO

1. Educação do campo, do povo agricultor, precisa de uma enxada, de um lápis, de um trator./ Precisa educador para trocar conhecimento. O maior ensinamento é a vida e seu valor.

Nessa história nós somos os sujeitos, lutamos pela vida, pelo o que é de direito./ As nossas marcas se espalham pelo chão, a nossa escola ela vem do coração.

2. Se a humanidade produziu tanto saber, o rádio e a ciência e a cartilha do ABC./ Mas falta aprender a solidariedade, soletrar esta verdade está faltando acontecer.

EDUCAÇÃO É DIREITO E NÃO ESMOLA

Não vou sair do campo pra poder ir pra escola, educação do campo é direito e não esmola. (bis)

1. O povo camponês, o homem e a mulher, o negro quilombola com seu canto de afoxé./ Ticuna e Caeté, castanheiro e seringueiro, pescadores e posseiros com certeza estão de pé.

2. Cultura e produção, sujeitos da cultura, a nossa agricultura pro bem da população./ Construir uma nação, construir soberania, pra viver um novo dia com mais humanização.

3. Quem vive da floresta, dos rios e dos mares, de todos os lugares onde o sol abriu a fresta./ Quem a sua força empresta, os quilombos e as aldeias, quem a terra semeia vem aqui fazer a festa.

ESTRELA DA TERRA

(Renato Braz)

1. Por mais que haja dor e agonia,/ por mais que haja treva sombria,/ existe uma luz que é uma guia,/ fincada no azul da amplidão./ É o claro da estrela do dia sobre a terra da promessa.

2. Por mais que a canção faça alarde,/ por mais que o cristão se acovarde,/ existe uma chama que arde/ e que não se apaga mais não./ É o brilho da estrela da tarde na boina do meu capitão.

E a gente rebenta do peito a corrente,/ com a ponta da lâmina ardente/ da estrela na palma da mão.

3. Por mais que a paixão não se afoite,/ por mais que minh'alma se amoite,/ existe um clarão que é um açoitoe/ mais forte e maior que a paixão./ É o raio da estrela da noite gravada no meu coração.

E a gente já prepara o chão pra semente,/ pra vinda da estrela cadente que vai florescer no sertão.

4. Igual toda lenda se encerra./ Virá um cavaleiro de guerra,/ cantando no alto da serra,/ montado no seu alazão./ Trazendo a estrela da terra,/ sinal de uma nova estação.

ESCOLA FAMÍLIA

(Antônio Baiano)

1. Somos Escola Família que sonha prosperidade, produção na prosperidade./ Por isso sua filosofia, sua pedagogia é interação./ Une teoria e prática, faz alternância na educação.

Escola Família, a escola que todos desejam, que a gente almeja pra ser cidadão./ Escola Família, um jeito novo de aprender, de poder viver nova educação.

2. Quem vive essa pedagogia, unindo escola e família, descobre a integração./ A teoria se torna prática, prática educação./ Pai e mãe se tornam mestres, na EFA faz construção.

3. Essa semente plantada na agricultura familiar faz nascer nova esperança./ Escola comunitária, nova semente brotar./ Educação libertária, o lema é participar.

EU QUERO VER

(Zé Vicente)

Eu quero ver, eu quero ver acontecer./ Um sonho bom, sonho de muitos acontecer. (bis)

1. Nascendo da noite escura, a manhã futura trazendo amor./ No vento da madrugada, a paz tão sonhada, brotando em flor./ Nos braços da estrela guia, a alegria chegando da dor.

2. Na sombra verde e florida, crianças em vida, brincando de irmãos./ No rosto da juventude, sorriso e virtude virando canção./ Alegre e feliz camponês entrando de vez na posse do chão.

3. Um sorriso em cada rosto, uma flor em cada mão./ A certeza na estrada, o amor no coração./ E uma semente nova escondida em cada palmo deste chão.

4. Sonho que se sonha só pode ser pura ilusão./ Sonho que se sonha juntos é sinal de solução./ Então vamos sonhar companheiro, sonhar ligeiro, sonhar em mutirão.

ESSE É O NOSSO PAÍS

(Zé Pinto)

Esse é o nosso país, essa é a nossa bandeira./ É por amor à essa Pátria, Brasil, que a gente segue em fileira./ É por amor à essa Pátria, Brasil, que a gente segue em fileira.

1. Queremos que abrace esta terra, por ela quem sente paixão./ Quem põe com carinho a semente para alimentar a nação./ Quem põe com carinho a semente para alimentar a nação./ Amarelo são os campos floridos, as faces agora rosadas./ Se o branco da paz irradia, vitória das mãos calejadas./ Amarelo são os campos floridos, as faces agora rosadas./ Se o branco da paz irradia, vitória das mãos calejadas.

2. Queremos mais felicidade, no céu deste olhar cor de anil./ No verde, esperança sem fogo, bandeira que o povo assumiu./ No verde, esperança sem fogo, bandeira que o povo assumiu./ A ordem é ninguém passar fome, progresso é o povo feliz./ A Reforma Agrária é a volta do agricultor à raiz. A Reforma Agrária é a volta do agricultor à raiz.

FESTA DA FARINHADA

(Identidade Paiacú)

(Letra e Música: Jairo de Carvalho, o Darin da Calunguinha)

1. Vem pra dança do Ibicuí. Pé na areia, pé na farinha (bis)./ Na terra do Ibicuipeba, Tapuia aqui já tinha (bis).
2. Minha mãe, minha avó Paiacú, raparam toda mandioca (bis)./ Na festa da farinhada não falta tapioca (bis).
3. Dançamos nessa passada. O que é ruim para eles nos guia (bis). Bebemos Jurema Sagrada, a luz que nos alumia (bis).
4. Ouvimos, no meio do fogo, histórias e muitas toadas (bis)./ Dos nossos ancestrais fugidos por essas matas (bis).
5. O turvo e estreito Quixeré, transparente e largo será (bis)./ No dia em que Tupã vier seu povo ajuntar (bis).

FESTA NA CAATINGA

(Roberto Malvezzi)

1. É muito tarde e o dia foi se embora./ A noite veio e o mundo se calou./ Arrepiado se prepara para ver a maravilha que o céu lhe preparou./ É lindo ver a caatinga iluminada./ É lindo ver a terra toda prateada./ E a via láctea brilhando no sertão./ É São Tiago caminhando ao coração.
Rodopiando pela caatinga, bordado de estrelas que coisa linda./ Rodopiando pela caatinga, bordado de estrelas que coisa linda.
2. A gente chega e fica olhando/ o povo todo a cantar dançando./ E se pergunta qual é a magia/ da convivência da tristeza e da alegria./ É lindo ver o sanfoneiro tocando./ É lindo ver a meninada só dançando./ Rodopiando o corpo todo sobre chão,/ rodopiando feito o giro do pião.
3. Hoje tem festa lá na casa de Socorro./ O povo todo vai pra lá dançar de novo./ E vai dançar a luz do candeeiro,/ com alegria que é possível ao umbuzeiro./ É lindo ver todo mundo, tá beleza./ É lindo ver toda terra da tristeza./ Mas quem sou eu para proibir/ o povo todo de cantar se divertir.

FLORIÔ

(Zé pinto)

Arroz deu cacho e o feijão floriô,/ milho na palha, coração cheio de amor. (bis)

1. Povo sem terra fez a guerra por justiça,/ visto que não tem preguiça este povo de pegar./ Cabo de foice, também cabo de enxada,/ pra poder fazer roçado e o Brasil se alimentar.

2. Com sacrifício debaixo da lona preta,/ inimigo fez careta, mas o povo atravessou./ Romperam as cercas que cercam a filosofia/ de ter paz e harmonia para quem planta o amor.

3. Erguendo a fala, gritando reforma agrária,/ porque a luta não pára, quando se conquista o chão./ Fazendo estudo, juntando a companheirada, criando cooperativa para avançar a produção.

GRANDE ESPERANÇA

(Zilo e Zalo)

1. A classe roceira e a classe operária,/ ansiosas esperam a reforma agrária./ Sabendo que ela dará solução/ para a situação que está precária./ Saindo o projeto do chão brasileiro e cada roceiro ganhar sua área./ Sei que miséria ninguém viveria e a produção já aumentaria/ quinhentos por cento até na pecuária!

2. Esta grande crise que há tempo surgiu/ maltrata o caboclo ferido em seu brio./ Dentro de um país rico e altaneiro,/ morre brasileiro de fome e de frio./ Em nossas manchetes ricas em imóveis,/ milhões de automóveis já se produziu./ Enquanto o coitado do pobre operário vive apertado ganhando um salário,/ que sobe depois que tudo subiu!

3. Nosso lavrador que vive do chão,/ só tem a metade de sua produção./ Porque a semente que ele semeia/ tem quer ser à meia com o seu patrão!/ O nosso roceiro vive num dilema e o problema não tem solução./ Porque o ricaço que vive folgado acha que projeto se for assinado, estará ferindo a Constituição!

4. Mas grande esperança o povo conduz,/ pedir a Jesus pela oração,/ pra guiar o pobre por onde ele trilha/ e para a família não faltar o pão./ Que Ele não deixe o capitalismo levar ao abismo a nossa nação./ A desigualdade que existe é tamanha./ Enquanto o ricaço não sabe o que ganha,/ o pobre do pobre vive de tostão!

GUARANIS

1. Ah, quero ouvir as serenatas,/ ver crescer as nossas matas/ e tocar um violão./ Ah, meu amigo, vem cantar,/ pois o dia vai raiar/ e morar nesta canção./ Ah, que saudades do poeta,/ do artista, do profeta,/ que o tempo eternizou./ Ah, como eu falei das flores,/ liberdade, beija-flores,/ que meu coração sonhou.

2. Ah, ver crianças pelas praças,/ paz e pipa, pão de graça,/ como o cheiro de hortelã./ Ah, água pura ali na fonte/ e a gente olhar os montes,/ sem ter medo do amanhã./ Ah, o meu lindo continente,/ que fez do sangue a semente/ para ver o sol nascer./ Ah, nossas matas tão bonitas,/ verdes mares, canto a vida/ vendo o dia amanhecer.

3. Ah, quanta luta na fronteira,/ tanta dor na cordilheira,/ que o condor não voou./ Ah, dança e terra guaranis,/ de uma raça tão feliz,/ que o homem dizimou./ Ah, vou nos passos de um menino,/ no meu coração latino,/ a esperança tem lugar./ Ah, quando bate a saudade,/ abre as asas liberdade,/ que não paro de cantar.

HISTÓRIA DESUMANA

(Zé Germano)

Ninguém se engana, ninguém se engana, que a nossa história já começou desumana. (bis)

1. Há muito tempo os portugueses aqui vieram, muitas desgraças fizeram pra quem nesta terra mora./ Quando chegaram começaram logo a guerra, tomando conta da terra, botando os índios pra fora.

2. Houve as entradas denominadas bandeiras, com ação muito grosseira pra dominar os nativos./ Eram tratados com a maior crueldade, lhes roubando a liberdade, fazendo um povo cativo.

3. O nosso índio que isso não conhecia, quando podia, fugia, desse crime desumano./ E planejaram outra ação mais prepotente, foram buscar na corrente os negrinhos africanos.

4. Lá na senzala, os negros sem liberdade, na mais triste crueldade, levando peia no lombo./ Atormentados dos horrores que faziam, quando podiam, fugiam para formarem quilombos.

5. E o governo preparou a expedição, mandou mais de um batalhão os quilombos destruir./ Insistindo no Quilombo dos Palmares, destruiu vários milhares, liderados por Zumbi.

6. Outro episódio desta nação brasileira, guerra brutal e grosseira, que findou matando tudo./ Destruindo do povo a esperança, homem, mulher e criança, nos arraiais de Canudos.

HINO DA CAMPANHA POR TERRITÓRIO PESQUEIRO

(Das Neves (PE), Teba (BA), Manuel Roberto (PA), Gilmar (BA))

1. Chegou a hora de defender/ nosso pedaço de chão./ A terra é nossa, isso por direito,/ respeite nossa tradição./ A nossa luta é por terra e água,/ do litoral ao sertão./ Lutamos por igualdade,/ com liberdade garantir o pão. Vem, companheiro,/ chega de indecisão./ Vem, engrossa a fileira,/ desfralda a bandeira da libertação./ Vem, companheira,/ esse é o nosso momento./ Venha de todos os lados/ e de braços dados entrar no movimento.

2. Vamos juntos engrandecer/ nosso jeito de viver./ Com território preservado,/ nosso pescado é pra valer./ Agora resta se organizar/ pra impedir a degradação./ Queremos é liberdade,/ justiça, garra, determinação.

Vem, companheiro,/ chega de indecisão./ Vem, engrossa a fileira,/ desfralda a bandeira da libertação./ Vem, companheira,/ esse é o nosso momento./ Venha de todos os lados/ e de braços dados entrar no movimento.

3. Da pesca artesanal/ ecoa um grito no ar./ Por território pesqueiro / para viver e trabalhar./ De norte a sul, oh que coisa linda/ ver a classe organizada./ Juntando homens e mulheres,/ seguindo a marcha em caminhada.

Vem, companheiro,/ chega de indecisão./ Vem, engrossa a fileira,/ desfralda a bandeira da libertação./ Vem, companheira,/ esse é o nosso momento./ Venha de todos os lados/ e de braços dados entrar no movimento./ Venha de todos os lados/ e de braços dados entrar no movimento./ Venha de todos os lados/ e de braços dados entrar no movimento.

HINO DO MST

(Letra: Ademar Bogo e Música: Willy C. de Oliveira)

1. Vem, teçamos a nossa liberdade./ Braços fortes que rasgam o chão./ Sob a sombra de nossa valentia,/ desfraldemos a nossa rebeldia/ e plantemos nesta terra como irmãos!

Vem, lutemos, punho erguido./ Nossa força nos leva a edificar./ Nossa Pátria livre e forte,/ construída pelo poder popular.

2. Braços erguidos, ditemos nossa história,/ sufocando com força os opressores./ Hasteemos a bandeira colorida./ Despertemos esta Pátria adormecida./ O amanhã pertence a nós, trabalhadores!

3. Nossa força resgata pela chama/ da esperança no triunfo que virá./ Forjaremos desta luta com certeza/ Pátria livre, operária e camponesa./ Nossa estrela, enfim, triunfará.

JOVEM DA ROÇA

(Letra e Música: Pe. Machado)

Eu sou da roça, jovem rural, remando contra este mundo desigual (bis)

1. Oi, me falaram que a vida na cidade era só felicidade, que era tudo bem legal./ Se eu estudasse ia ter um bom emprego, pra ganhar muito dinheiro, muita festa, coisa e tal.

2. Oi, me falaram que a globalização iria ser a solução pros problemas do país./ Se eu lidasse com o seu computador, fosse ator ou jogador, eu seria bem feliz.

3. Eu estou vendo, nossas asas são cortadas, muitos sonhos são roubados, nosso mundo a perecer./ Mas felizmente algo novo está nascendo, estamos nos conhecendo, queremos o bem viver.

4. Agora eu falo: quero a Reforma Agrária, nova ordem fundiária, para nós vida descente./ Eu quero água, meios para trabalhar, nova escola inventar, eu quero vida de gente.

JUBILEU DA TERRA

(Roberto Malvezzi)

Jubileu da terra é repartir o pão,/ é pôr os pés na terra,/ é pôr as mãos no chão./ É resgatar a terra que é de cada irmão,/ porque a terra é do Senhor .

1. Nação dos Pataxós, Xukurús e Cariris,/ Tupis, Yanomamis, Hã-hã-hães e Guaranis./ Depois de tanto sangue,/ depois de tanta guerra,/ que a terra seja Índia e que os índios

tenham terra.

2. E aos remanescentes de negros quilombolas,/ enfim “terra brasilis” seja nossa, seja vossa./ Depois de tanto sangue,/ depois de tanta guerra,/ que a terra seja negra e que os negros tenham terra.

3. Pequenos lavradores,/ posseiros e sem terra,/ enfim alcancem o sonho de justiça e paz na terra./ Depois de tanto sangue,/ depois de tanta guerra,/ que a terra volte ao povo e que todos tenham terra.

LAMENTO DO POVO

(Antônio baiano)

1. Clamando pela posse da terra/ no campo milhares estão./ Este grito está incomodando a quem sempre viveu da exploração.

O que posso fazer?/ O que tenho a dizer, meu Pai?/ Que se faça justiça,/ repartam as terras,/ partilhem o pão entre nós, filhos teus. (bis)

2. Não posso mais enumerar/ os mártires deste país./ Na roça e também na cidade,/ só tem crueldade,/ correm rios de sangue.

3. A quem servem a lei e o poder?/ A polícia e a constituição?/ Assassinam sem piedade, permanecem impunes nesta nação.

4. Passo a passo, fazemos caminho,/ sempre em busca de organização./ De mãos dadas, sigamos em frente,/ formando a corrente pra libertação.

LIBERDADE

(Zé Martins)

1. Liberdade vem e canta, e saúda este novo sol que vem./ Canta com alegria o escondido amor que no peito tem./ Mira o céu azul, espaço aberto pra te acolher . (bis)

2. Liberdade vem e pisa este firme chão de verde ramagem./ Canta, louvando as flores que ao bailar do vento trazem sua mensagem./ Mira estas flores, abraço aberto pra te acolher. (bis)

3. Liberdade vem e pousa nesta dura América triste e vendida./ Canta com os teus gritos nossos filhos mortos e a paz ferida!/ Mira este lugar, desejo aberto pra te acolher . (bis)

4. Liberdade, liberdade, és o desejo que nos faz viver./ És o grande sentido de uma vida pronta para morrer./ Mira o nosso chão banhado em sangue pra reviver./ Mira a nossa América banhada em morte pra renascer. (bis)

LUAR DO SERTÃO

(Catulo da Paixão Cearense)

Não há, ó gente, oh não, luar como este do Sertão. (bis)

1. Ai, que saudades do luar da minha terra, lá na serra branquejando folhas secas pelo chão./ Este luar, cá da cidade tão escuro, não tem aquela saudade do luar lá do Sertão.

2. Se a lua nasce por detrás da verde mata, mais parece um sol de prata prateando a solidão./ A gente pega na viola que ponteia e a canção é a lua cheia a nos nascer do coração.

3. Coisa mais bela neste mundo não existe do que ouvir-se um galo triste no sertão se faz luar./ Parece até alma da lua que descansa, escondida na garganta desse galo a soluçar.

4. A gente fria dessa terra sem poesia, não faz caso dessa lua nem se importa com o luar./ Enquanto a onça lá na verde capoeira, leva uma hora inteira vendo a lua a meditar. 5. Ai, quem me dera, que eu morresse lá na serra, abraçado à minha terra e dormindo de uma vez./ Ser enterrado numa cova pequenina, onde a tarde, a sururina chora a sua viuvez.

MANDAMENTOS DE PADRE CÍCERO

(Roberto Malvezzi)

Moço, a coisa tá feia, se a gente não fizer o certo./ Padim Ciço também já dizia, o sertão vai virar um deserto.

1. Não corte um só pé de pau, não toque fogo no mato,/ deixe os bichinhos viverem, maneje os bois e os bodes,/ dê um descanso, seu moço, pra terra e pro pasto./ Aiô, aiô, aiô, iô, iô, iô, iô. (bis)

2. Não plante em serra acima, nem plante em ladeira abaixo./ Deixe que o mato proteja o ventre da fecundidade,/ pra água não levar de arrasto a sua fertilidade./ Aiô, aiô, aiô, iô, iô, iô, iô.

3. Aproveite a água da chuva, tenha a cisterna na casa./ Represe rio e riacho, plante sempre uma árvore./ Caju, sabiá, umbuzeiro, mulungu, ingá, juazeiro./ Aiô, aiô, aiô, iô, iô, iô, iô.

4. E assim se deve fazer, e o sertão irá sempre viver./ Se tudo for desmatado, nada será tão errado./ O futuro é mais do que certo e o sertão vai virar um deserto.

Moço, a coisa tá feia, se a gente não fizer o certo,/ Padim Ciço também já dizia, o sertão vai virar um deserto.

MIGRANTE (HINO DA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA)

(Zé Vicente)

1. Peregrino nas estradas de um mundo desigual./ Espoliado pelo lucro e ambição do capital./ Do poder do latifúndio, enxotado e sem lugar./ Já não sei pra onde andar./ Da esperança eu me apego ao mutirão.

Quero entoar um canto novo de alegria/ ao raiar aquele dia de chegada em nosso chão./ Com meu povo celebrar a alvorada./ Minha gente libertada./ Lutar não foi em vão.

2. Sei que Deus nunca esqueceu dos oprimidos o clamor./ E Jesus se fez do pobre companheiro e servidor./ Os profetas não se calam denunciando a opressão./ Pois a terra é dos irmãos/ e na mesa igual partilha tem que haver.

3. Pela força do amor o universo tem carinho./ E o clarão de suas estrelas ilumina o meu caminho./ Nas torrentes da justiça meu trabalho é comunhão./ Arrozais florescerão e em seus frutos liberdade colherei.

MOMENTO NOVO

(Ernesto Barros)

1. Deus chama a gente pra um momento novo,/ de caminhar junto com seu povo./ É hora de transformar o que não dá mais, / sozinho, isolado, ninguém é capaz.

Por isso vem, entra na roda co'a gente, também! Você é muito importante, vem! (bis)

2. Não é possível crer que tudo é fácil,/ há muita força que produz a morte,/ gerando dor, tristeza e desolação,/ é necessário unir o cordão!

3. Na força que hoje faz brotar a vida,/ atua em nós pela sua graça./ É Deus quem nos convida a trabalhar,/ o amor repartir e as forças juntar.

MEMÓRIA E CLAMOR

(Pe. Machado)

Ah, gemeu a natureza, semiárido gritou./ Hoje a nossa romaria é memória, é clamor./ Hoje a nossa romaria é memória, é clamor.

1. Desta terra, bravos povos, maltratados, não vencidos./ Enganados com projetos, pelas barragens tangidos:/ Bem Viver, cidadania é o grito do oprimido.

2. Da terra de Zé Lourenço, Canindé, Dragão do Mar./ De Dom Hélder, um profeta, centenário a celebrar:/ Bem Viver, cidadania, “fértil deserto” a plantar.

3. Da Terra em que nasceu, há 100 anos Patativa./ Camponês, grande poeta, que gritou com voz ativa:/ Bem Viver, cidadania pra quem a terra cultiva.

4. Da terra do Padim Ciço, Ibiapina e Conselheiro./ De tanta gente de fibra, lutadores e romeiros: Bem Viver, cidadania, queremos ser companheiros.

5. Desta terra de mulheres, outras Bárbaras de Alencar./ Cariri, Sertão e Praia, muitas lutas a travar:/ Bem Viver, cidadania nós queremos conquistar.

6. Esta terra é um encanto para a gente aqui viver,/ se nós vamos aprendendo com o seu clima conviver: Bem Viver, cidadania seus filhos possamos ter.

MINHA CIRANDA

(Lia de Itamaracá)

1. Minha ciranda não é minha só,/ ela é de todos nós./ Ela é de todas nós./ A melodia principal quem guia/ é a primeira voz, é a primeira voz.

2. Pra se dançar ciranda/ juntamos mão com mão./ Formando uma roda,/ cantando uma canção.

MEU CANTO, MINHA ARMA

(Zé Vicente)

1. O tempo é pesado, eu sei./ Há fome de pão e de paz./ Não é este o país que eu sonhei, tá demais!/ Já chega de medo e mentiras./ Violência e roubo à nação./ O sim é só para a verdade, o resto é não.

Eu vou por aí com meu canto,/ abrindo

estradas,/ quebrando encantos,/ rompendo as barreiras do coração,/ rasgando mentiras e ilusão./ Meu canto é arma, eu sei. E há tempos estou na luta.

2. Quem diz a dor é eterna./ Que o cego não pode enxergar./ Que a sorte é que nos governa./ Vejam lá!/ Os raios do sol batem forte./ A gente já sabe, já vê./ A força do amar vence a morte./ Faz viver.

MARIA, MARIA

(Milton Nascimento / Fernando Brant)

1. Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta./ Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta./ Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta/ de uma gente que ri, quando deve chorar e não viver, apenas aguenta.

2. Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter sonho sempre./ Quem traz no corpo essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida./ Mas é preciso ter manha, é preciso ter raça, é preciso ter gana, sempre./ Quem traz no corpo esta marca, Maria, Maria, mistura a dor e a alegria.

NAS HORAS DE DEUS, AMÉM!

(Zé Vicente)

1. Nas horas de Deus, amém! Pai, Filho e Espírito Santo. (bis)/ Luz de Deus em todo canto, nas horas de Deus, amém! (bis)

2. Nas horas de Deus, amém! Que o bem nos favoreça. (bis)/ Que o mal não aconteça, nas horas de Deus, amém! (bis)

3. Nas horas de Deus, amém! Que o coração do meu povo. (bis). De amor se torne novo, nas horas de Deus, amém! (bis)

4. Nas horas de Deus, amém! Que a colheita seja boa. (bis)/ Que ninguém mais vague à toa, nas horas de Deus, amém! (bis)

5. Nas horas de Deus, amém! Deus abençoe os artistas. (bis)/ As crianças e os catequistas, nas horas de Deus, amém! (bis).

6. Nas horas de Deus, amém! Deus abençoe as cidades./ As nossas comunidades, nas horas de Deus, amém! (bis)

NEGRA MARIAMA

Negra Mariama! Negra Mariama chama. (Bis)

1. Negra Mariama chama para enfeitar/ o andor porta estandarte, para ostentar./ A imagem Aparecida em nossa escravidão,/ com o rosto dos pequenos, cor de quem é irmão.

2. Negra Mariama chama pra cantar:/ que Deus uniu os fracos, pra se libertar./ E derrubou dos tronos latifundiários,/ que escravizavam, pra se regalar.

3. Negra Mariama chama pra dançar./ Sarava esperança até o sol raiar./ No samba está presente o sangue derramado,/ o grito e o silêncio dos marginalizados.

4. Negra Mariama chama pra lutar,/ em nossos movimentos, sem desanimar./ Levanta a cabeça dos espoliados, nossa companheira chama pra avançar.

NOSSOS DIREITOS VEM

Nossos direitos vêm./ Nossos direitos vêm./ Se não vêm nossos direitos,/ o Brasil perde também. (bis)

1. Confiando em Cristo Rei,/ que nasceu lá em Belém./ Que morreu crucificado/ porque nos queria bem./ Confiando em seu amor,/ se reclama até o doutor,/ mas nossos direitos vêm.

2. Quem negar nossos direitos/ será negado também./ Chega de tanta promessa,/ sem cumprir para ninguém./ Mas com os irmãos unidos,/ o mundo muda de sentido/ e nossos direitos vêm.

3. Só porque tens muita terra/ e tens gado com fartura./ Tu negas o teu irmão,/ este pobre sem figura./ Cuidado com teu mistério,/ um dia no cemitério/ nossas carnes se misturam.

4. A cova é tua morada,/ o verme teu companheiro./ A vida desaparece,/ pra lá não serve dinheiro./ Quero ver tua defesa,/ onde está tua riqueza/ que comprava o mundo inteiro?

5. Tu sabes que a morte é justa/ e vem toda de uma vez./ Passa um visto nos teus crimes,/ qual o dia eu não sei./ Mas tu pagarás dobrado,/ não existe advogado/ que te defendas da lei.

6. Pra lá tu não levas nada,/ nem dinheiro, nem teu gado./ Nem teu carro, nem partido,/ nem pacote arrumado./ Lá tu tiras tua máscara,/ só

leva terra na cara/ e taí o resultado.

7. Aqui termino pedindo/ ao nosso Pai Soberano,/ que faz o céu e a terra,/ sem cometer um engano./ Olha teu santo universo,/ cheio de coração perverso,/ que nega os direitos humanos.

NOSSA ALEGRIA

(Autor desconhecido)

1. Nossa alegria é saber que um dia todo esse povo se libertará,/ pois Jesus Cristo é o Senhor do mundo, nossa esperança realizará. (bis)

2. Jesus manda libertar os pobres e ser cristão é ser libertador./ Nascemos livres pra crescer na vida, não pra ser pobres, nem viver na dor. (bis)

3. Vendo no mundo tanta coisa errada, a gente pensa em desanimar./ Mas quem tem fé sempre está com Cristo, tem esperança e força pra lutar. (bis)

4. Não diga nunca que Deus é culpado quando na vida o sofrimento vem./ Vamos lutar que o sofrimento passa, pois Jesus Cristo já sofreu também. (bis)

5. Libertação se encontra no trabalho, mas há dois modos de trabalhar:/ há quem trabalha escravo do dinheiro, há quem procura o mundo melhorar. (bis)

6. E pouco a pouco o tempo vai passando, a gente espera a libertação./ Se a gente luta ela vai chegando, se a gente espera ela não chega, não. (bis)

NEGRO NAGÔ

(Autor desconhecido)

1. Eu vou tocar minha viola,/ eu sou um negro cantador./ O negro canta, deita e rola,/ lá na senzala do Senhor.

Dança aí, negro nagô (4x)

2. Tem que acabar com esta história/ de negro ser inferior./ O negro é gente e quer escola,/ quer dançar samba e ser doutor.

3. O negro mora em palafita,/ não é culpa dele não, Senhor./ A culpa é da abolição,/ que veio e não o libertou.

4. Vou botar fogo no engenho,/ aonde o negro apanhou./ O negro é gente como outro,/ quer ter carinho e quer amor.

O PRINCÍPIO DO PRAZER

(Geraldo Azevedo)

1. Juntos vamos esquecer tudo o que doeu em nós./ Nada vale tanto pra rever o tempo em que ficamos sós./ Faz a tua luz brilhar para iluminar a nossa paz.

O meu coração me diz, fundamental é ser feliz. (bis)

2. Juntos vamos acordar o amor. Carícias, canções./ Deixar entrar o sol da manhã, a cor do som, eu com você sou muito mais./ O princípio do prazer, sonho que o tempo não desfaz.

O QUE É, O QUE É

(Gonzaguinha)

Eu fico com a pureza da resposta das crianças./ É a vida, é bonita e é bonita.

1. Viver e não ter a vergonha de ser feliz!/ Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz./ Ai meu Deus, eu sei que a vida devia ser bem melhor e será./ Mas isso não impede que eu repita:/ é bonita, é bonita e é bonita!

2. Mas e a vida, e a vida o que é?/ Diga lá meu irmão./ Ela é a batida de um coração./ Ela é uma doce ilusão, ê, ô./ Mas e a vida, Ela é maravilha ou é sofrimento? Ela é alegria ou lamento,/ o que é, o que é meu irmão?

3. Há quem fale que a vida da gente é uma nada no mundo./ É uma gota, é um tempo que nem dá um segundo./ Há quem fale que é um divino mistério profundo./ É o sopro do Criador,/ numa atitude repleta de amor.

4. Você diz que é luta e prazer, ele diz que a vida é viver./ Ela diz que melhor é morrer, pois amada não é e o verbo é sofrer./ Eu só sei que confio na moça e na moça eu ponho a força da fé./ Somos nós que fazemos a vida,/ como der ou puder ou quiser.

5. Sempre desejada, por mais que esteja errada./ Ninguém quer a morte,/ só saúde e sorte./ E a pergunta roda, e a cabeça agita./ Eu fico com a pureza da resposta das crianças./ É a vida, é bonita e é bonita.

OS MENINOS EM VOLTA DA FOGUEIRA

(autora)

Os meninos em volta da fogueira vão aprender coisas de sonho e de verdade,/ vão perceber como se ganha uma bandeira e vão saber o que custou a liberdade.

1. Palavras são palavras, não são trovas,/

palavras desse tempo sempre novo./ Lá os meninos aprenderam coisas novas e até já dizem que as estrelas são do povo. (bis)

2. Aqui os homens permanecem lá no alto com suas contas engraçadas de somar./ Não se aproximam das favelas nem dos campos e têm medo de tudo que é popular./ Mas os meninos desse continente novo hão de saber fazer história e ensinar. (bis)

ORDEM E PROGRESSO

(Zé Pinto)

Este é o nosso país,/ esta é a nossa bandeira./ É por amor a esta pátria, Brasil,/ que a gente segue em fileira. (bis)

1. Queremos mais felicidade, no céu desse olhar cor de anil./ No verde esperança sem fogo,/ bandeira que o povo assumiu (bis)/ Amarelo são os campos floridos,/ as faces agora rosadas./ Se o branco da paz irradia/ vitória das mãos calejadas (bis).

2. Queremos que abrace esta terra por ela quem sente paixão,/ quem põe com carinho a semente/ para alimentar a nação (bis)/ A ordem é ninguém passar fome,/ progresso é o povo feliz./ A Reforma agrária é a volta/ do agricultor à raiz. (bis)

O MUNDO QUE EU QUIS

(autora)

1. Não é esta aí a natureza que eu quis, que tomba indefesa, perdendo a beleza, trazendo a tristeza na terra que eu fiz.

2. Não é esta aí a terra que eu quis, desfeita em pedaços, por grandes ricos, por mãos criminosas do homem que eu fiz.

3. Não é este aí o homem que eu quis, que vive oprimido, que anda perdido, que cai abatido no mundo que eu fiz.

Será que eu falhei? Me digam vocês./ Será que eu pus muita água no mar?/ Será que é o calor do meu sol a queimar?/ Se acaso é assim, perdão, eu erre!

4. Agora lhes digo o mundo que eu quis: as estrelas não brigam, o sol não se afasta, o mar não soçobra na terra que eu fiz.

5. Agora lhes digo o homem que eu quis: um homem liberto, fraterno e aberto, fazendo da vida um canto feliz.

Será que eu falhei? Sendo bom demais./ Será que o amor, a justiça e a paz não valem mais nada neste mundo meu? Se acaso é assim, perdão, eu erre!

PRA VALER A EDUCAÇÃO DO CAMPO (Letra e Música: Ailton Brasil e Damião)

1. Escute, ó doutor, sou lá da roça./ É De lá que eu trago esse repente./ Veja bem, vivo naquela palhoça./ Minha fraqueza é apenas aparente./ Não foi à toa que eu vim do meu rincão,/ pra buscar educação,/ melhorando a vida da gente.

Assim eu vou espalhando por aí/ a minha força e luta em todo canto./ Por isso vamos, companheira, companheiro,/ por esse Brasil inteiro,/ fazer valer a Educação do Campo.

2. O discurso de dizer que vai pensar/ me faz pensar que agora é o tempo./ Nossa classe vai pras ruas a lutar,/ organizada e sempre em movimento./ O ensino tem que brotar da terra,/ com caneta e papel faremos guerra,/ sinta o poder do nosso armamento.

3. No desenho da nossa sociedade/ está bem claro a luta pelo poder./ Sem escola vou pro exílio da cidade,/ mendigando pra poder sobreviver./ Quero escola dentro da realidade,/ que prevaleça o direito e liberdade,/ rompendo assim as cercas do saber.

PORTAL DO MAR

(Gigi Castro/Soraya Vanini Tupinambá)

Não mangue de mim, não mangue! Sou Mangue, vou lhe contar: Não mangue de mim: sou Mangue! Por feio me querem dar! / O caranguejo que na praia você come, O camarão que pula na sua barriga, ê! Vê se me entende, homem, o que em mim se cria, Vê se me entende é o que mata sua fome! /Não mangue de mim, não mangue! Sou Mangue, vou lhe contar: Não mangue de mim: sou Mangue! Por feio me querem dar! A lama negra a que você não quer dar nome Tem aratu, tem sururu, ostra do mangue, ê! Vê se me entende, homem, o que em mim se cria, Vê se me entende é o que mata sua fome! Portal do Mar! Portal do Mar!

PAI NOSSO DOS MÁRTIRES

Pai Nosso dos pobres marginalizados./ Pai Nosso dos mártires, dos torturados.

1. Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida./ Teu nome é glorificado quando a justiça é nossa medida./ Teu Reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão./ Maldita toda a violência

que devera a vida pela repressão. Ô, ô, ô, ô!
Ô, ô, ô, ô! Ô, ô, ô, ô! Ô, ô, ô, ô!

2. Queremos fazer tua vontade, és o verdadeiro Deus Libertador/ Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor./ Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das multidões./ O pão que traz humanidade, que constrói a vida em vez de canhões. Ô, ô, ô, ô! Ô, ô, ô, ô! Ô, ô, ô, ô!
Ô, ô, ô, ô!

3. Perdoa-nos quando por medo ficamos calados diante da morte./ Perdoa e destrói os reinos em que a corrupção é a lei mais forte./ Protege-nos da crueldade, do esquadrão da morte, dos prevalecidos./ Pai Nosso revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos./ Pai Nosso revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos. Ô, ô, ô, ô! Ô, ô, ô, ô! Ô, ô, ô, ô!
Ô, ô, ô, ô!

Pai Nosso dos pobres marginalizados./ Pai Nosso dos mártires, dos torturados.

PELOS CAMINHOS D'AMÉRICA

(Zé Vicente)

Pelos caminhos d'América (3x) Latinoamérica!

1. Pelos caminhos d'América, há tanta dor, tanto pranto, nuvens, mistérios e encantos que envolvem nosso caminhar./ Há cruces beirando a estrada, pedras manchadas de sangue, apontando como setas que a liberdade é pra lá!

2. Pelos caminhos d'América, há monumentos sem rosto! Heróis pintados, mau gosto, livros de história sem cor./ Caveiras de ditadores, soldados tristes, calados, com olhos esbugalhados vendo avançar o amor!

3. Pelos caminhos d'América, há mães gritando qual loucas. Antes que fiquem tão roucas, digam aonde acharão/ seus filhos mortos, levados na noite da tirania! Mesmo que matem o dia, elas jamais calarão.

4. Pelos caminhos d'América, no centro do Continente, marcham punhados de gente, com a vitória na mão!/ Nos mandam sonhos, cantigas, em nome da liberdade! Com o fuzil da verdade, combatem firme o dragão.

5. Pelos caminhos d'América, bandeiras de um novo tempo vão semeando ao vento frases teimosas de paz!/ Lá, na mais alta montanha, há um pau d'arco florido, um guerrilheiro querido que foi buscar o amanhã.

PROFISSÕES E LUTA

(Ailton Brasil)

1. Se começar a chover lá na nossa região, sertanejo se anima, só se escuta a canção:/ Cava, cava, cava, cava, cava, cava, cava e vai cavando a terra pra plantar milho e feijão. (bis)

2. O pedreiro da cidade cheio de satisfação, pega cal, cimento e barro, faz uma misturação:/ Sobe, sobe, sobe, sobe, sobe, sobe, sobe. De tijolo em tijolo vai subindo a construção. (bis)

3. De madrugada o padeiro não teme a escuridão, sai de casa pro trabalho, é um grande cidadão:/ Mexe, mexe, mexe, vira, vira, vira, vira. Mexe a massa, vira a massa, sol nasceu, já fez o pão. (bis)

4. O professor na sua escola olha pra situação, o salário não agrada, falta a motivação:/ Soma, soma, soma, soma, soma, soma. Mas ele não desiste de ensinar sua lição. (bis)

5. A mulher dona de casa, da cidade e do sertão, acorda de manhã cedo, não descansa, meu irmão:/ Varre, varre, varre, varre, varre, varre, varre. Quando chega o meio dia já tá pronto o baião. (bis)

6. O velhinho aposentado lutando igual a Sanção, sustentando filho e neto, seja inverno ou verão:/ Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai. Só sendo nordestino pra aguentar esse rojão. (bis)

7. Com madeira e serrote, talhadeira e punção, salve o nosso carpinteiro, que beleza meu irmão:/ Teco, teco, teco, teco, teco, teco, teco. De martelo em martelo pra ganhar o seu quinhão. (bis)

8. Os operários da fábrica na maior judiação, sai de casa cinco horas, meia noite chegou não:/ Vamos, vamos, vamos, vamos, vamos, vamos, vamos. Um cardume de peixinhos engordando um tubarão. (bis)

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

(Geraldo Vandré)

1. Caminhando e cantando e seguindo a canção./ Somos todos iguais braços dados ou não./ Nas escolas, nas ruas, campos, construções./ Caminhando e cantando e seguindo a canção.

Vem, vamos embora, que esperar não é saber./ Quem sabe faz a hora, não espera acontecer. (bis)

2. Pelos campos há fome em grandes plantações./ Pelas ruas marchando indecisos cordões./ Ainda fazem da flor seu mais forte refrão/ e acreditam nas flores vencendo o canhão.

3. Há soldados armados, amados ou não./ Quase todos perdidos de armas na mão./ Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição/ de morrer pela pátria e viver sem razão.

4. Nas escolas, nas ruas, campos, construções./ Somos todos soldados, armados ou não./ Caminhando e cantando e seguindo a canção./ Somos todos iguais braços dados ou não.

5. Os amores na mente, as flores no chão./ A certeza na frente, a história na mão./ Caminhando e cantando e seguindo a canção./ Aprendendo e ensinando uma nova lição

QUANDO A GENTE PLANTA

(Roberto Malvezzi)

1. Quando a gente planta, claro a gente canta e tem a esperança de um dia poder colher./ Mas se a gente colhe, claro se recolhe, reúne a família e agradece a Deus./ É o pão de cada dia, é o suor do rosto, é o dom da terra, é o dom de Deus./ E a alegria é tanta, que toda festa é santa. É como festejar um filho que nasceu./ É como um casamento,/ imenso é o sentimento, é o dom que vem das mãos de Deus.

2. Mas se a gente perde tudo o que plantou uma tristeza imensa nos rouba o coração./ Olha cada filho, olha pra mulher e esconde o choro para ninguém ver./ Falta a luz do dia, falta o chão dos pés, falta o horizonte, falta o amanhã./ E a tristeza é tanta, que a pergunta é santa. A gente diz a Deus: que foi que aconteceu?/ Mas ergue a cabeça, retoma a semente, replanta o sonho de colher.

3. E se a colheita é boa, mas o que colhemos sofre o desprezo e não tem valor./ Não cobre as despesas, não paga o trabalho e tudo o que fizemos foi trabalho vão./ Imensa é a ofensa, imenso é desrespeito e a indignação nos rouba o coração./ E a injustiça é tanta, que a revolta é santa. Chama os companheiros e parte para a luta./ Na luta só não vai quem nunca ouviu a Deus, aquele que jamais nasceu. (bis)

QUE BOM

(Pedrosa – MG)

Que bom que você veio, olê rê./ Que bom que você chegou, olá rá./ Este nosso encontro, mais alegre, mais bonito, agora vai ficar. (bis)

1. Venha de onde vier./ Chegue de onde chegar./ Não importa o lugar, o importante é que bem vindo aqui você sempre será.

2. Venha de onde vier./ Chegue de onde chegar./ Não importa o lugar, o importante é que bem vinda aqui você sempre será.

RIACHO DO NAVIO

(Luiz Gonzaga)

1. Riacho do Navio,/ corre pro Pajeú./ O Rio Pajeú vai despejar no São Francisco./ E o Rio São Francisco vai bater no “mei” do mar. Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá./ O Rio São Francisco vai bater no “mei” do mar.

2. Ah, se eu fosse um peixe,/ ao contrário do rio,/ nadava contra as águas e nesse desafio/ saía lá do mar pro Riacho do Navio. Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá./ Eu ia diretinho pro Riacho do Navio.

3. Pra ver o meu brejinho,/ fazer umas caçadas./ Ver as pegas de boi,/ andar nas vaquejadas./ Dormir ao som do chocalho e acordar com a passarada./ Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá./ Sem rádio e sem notícia das terras civilizadas./ Sem rádio e sem notícia das terras civilizadas./ Sem rádio e sem notícia das terras civilizadas.

ROMARIA DA ESPERANÇA

(Antônio Baiano)

1. O povo pobre se reúne em romaria, pra ver de novo a terra toda em suas mãos./ Vem caminhando, de ônibus e caminhão./ Traz a certeza da conquista do seu chão.

Em romaria, canta bendito, faz a memória do sangue de companheiros./ Anima a luta, lança projeto para acabar com o latifúndio brasileiro.

2. Reforma Agrária é bandeira principal./ Há muito tempo Deus do céu nos ensinou:/ que toda a terra deverá ser repartida,/ pra dar comida ao povo trabalhador.

3. E consciente desta grande explicação,/ o povo pobre no Brasil se despertou./ Ocupa

a terra, faz a casa e plantação,/ pra ver cumprida a obra do Criador.

4. E acreditamos que isso vai acontecer/ e o povo novo viverá em liberdade./ Nas romarias farão festa pra fartura./ É vida nova, é nova sociedade.

ROMEIROS EM CAMINHADA

(Thiago Valentim e João Bosco)

Olha os romeiros, olha os romeiros, trabalhadores do campo e da cidade./ Olha as romeiras, olha as romeiras, trabalhadoras do campo e da cidade./ No testemunho dos mártires, por terra, água e dignidade./ No testemunho dos mártires, por Terra, Água e Dignidade.

1. Romeiros chegam da cidade e do sertão./ Na cabeça um chapéu e o cajado na mão./ Trazem na voz um grito de liberdade,/ no coração a esperança de uma nova sociedade.

2. Vai caminhando nesta grande romaria,/ povo humilde e lutador, buscando cidadania./ Luta por terra, água e dignidade,/ é Romaria da Terra construindo a irmandade.

3. Vamos seguindo quem tombou na caminhada,/ quem derramou o seu sangue na luta por terra e água./ Em nossa vida eles não morrerão jamais./ Irmã Dorothy, Denir, Zé Maria e tantos mais.

SEM MEDO DE SER MULHER

(Zé Pinto)

Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer,/ participando sem medo de ser mulher.
(bis)

1. Por que a luta não é só dos companheiros,/ participando sem medo de ser mulher./ Pisando firme sem pedir nenhum segredo,/ participando sem medo de ser mulher.

2. Pois sem mulher a luta vai pela metade,/ participando sem medo de ser mulher./ Fortalecendo os movimentos populares,/ participando sem medo de ser mulher.

3. Na aliança operária e camponesa,/ participando sem medo de ser mulher./ Pois a vitória vai ser nossa com certeza,/ participando sem medo de ser mulher.

SE É PRA IR PRA LUTA

(Zé Vicente)

Se é pra ir pra luta, eu vou,/ se é pra tá presente, eu tô,/ pois na vida da gente o que vale é o amor. (bis)

1. É que a gente junto vai, reacender estrelas, vai, replantar nosso sonho em cada coração./ Enquanto não chegar o dia, enquanto persiste a agonia, a gente ensaia um baião./ Lauê, lauê, lauê, lauê, lauê, lauê, lauê.

2. É que a gente junto, vai, reabrindo caminhos, vai, alargando a avenida pra festa geral./ Enquanto não chega a vitória, a gente refaz a história, pro que há de ser afinal. Lauê, lauê, lauê, lauê, lauê, lauê, lauê.

3. É que a gente junto, vai, vai pra rua de novo, vai, levantar a bandeira do sonho maior./ Enquanto eles mandam não importa, a gente vai abrindo a porta, quem vai rir depois, ri melhor. Lauê, lauê, lauê, lauê, lauê, lauê, lauê, lauê.

4. Esse amor tão bonito, vai, vai gerar nova vida, vai, cicatrizar feridas, fecundar a paz./ Enquanto governa a maldade, a gente canta a liberdade, o amor não se rende jamais. Lauê, lauê, lauê, lauê, lauê, lauê, lauê, lauê.

SABIÁ

(Luiz Gonzaga)

1. A todo mundo eu dou psiu, psiu, psiu, psiu./ Perguntando por meu bem, psiu, psiu, psiu./ Tendo um coração vazio, vivo assim a dar psiu, sabiá vem cá também. (bis)

2. Tu que andas pelo mundo, Sabiá./ Tu que tanto já voou, Sabiá./ Tu que canta aos passarinhos, Sabiá,/ alivia a minha dor./ Tem pena d'eu, Sabiá./ Diz por favor, Sabiá./ Tu que tanto anda no mundo, Sabiá,/ onde anda o meu amor. Sabiá...

SÃO FRANCISCO, O RIO (SINA/SAGA SECULAR)

(Letra: Gigi Castro/Magnólia Said/Soraya Vanini Tupinambá. Música: Ângela Linhares/Gigi Castro)

1. Inda lembro brincadeira de menina, ah! Água fria, cristalina Mergulho e pernas pro ar / Lembro as frutas nas vazantes As carrancas lá Tanta história flutuante: Os Truká, ê, vêm

banhar! /São Francisco, o santo Quando rio
cheio está Jura que estas águas Feito vida
vão pro mar /E hoje vejo que o que resta São
promessas de mudar Leito e rio Feira e festa
Bicho e povo De lugar / Quero o rio no seu
leito! Quero o leito em seu lugar! Leito e rio é
o justo jeito De se revitalizar São Francisco, o
santo O rio O veio O velho O lar Dessa gente
sua Em sua sina/saga secular!

Quero o rio no seu leito! Quero o leito em
seu lugar! Quero o rio no seu curso que vai
desaguar no mar!

SOMOS TERRA, SOMOS ÁGUA SOMOS VIDA

(Pe. Machado)

Somos Terra, somos Água, somos Vida. (bis)

1. Deus nos fez filhos da terra, pó da terra./
Deus nos fez irmãos da água, água viva.
Deus nos deu sopro de vida, vida livre!

2. O que fizeram da terra: latifúndio./ E da
água, nossa irmã: mercadoria./ O que fizeram
da vida: cativeiro.

3. Cuidaremos desta terra, Pachamama./
Cuidaremos de tod'água, água livre./
Cuidaremos com amor de toda vida.

4. Lutaremos pela terra, Sertania./ Renascendo
pela água, Koinonia./ Defendendo toda vida,
Profecia.

5. Pobres, índios, quilombolas, etnias./
Companheiros, companheiras, harmonia./
Gente de todas as crenças, utopia.

6. Povo novo hoje em marcha, romaria. Com
Jesus ressuscitado, nosso guia. Novo céu e
nova terra, novo ida.

SOBERANIA ALIMENTAR

(Orlangel Leal)

1. Guarda a semente, João, que é tua sina.
Plantar é medicina, modo de sustentação./
Tira o veneno do chão, é toxina. Pesticida,
conservante, só traz devastação.

2. Cuidado, João, tira o sal, sobe a pressão.
Maneira no açúcar, corta a gordura./
Agrofloresta, fonte de alimentação.
Agrofloresta, fonte de alimentação.

3. Aiê, iê, iá . Floresta de alimentos, fartura
que Deus nos dá./ Aiê, aiê, iê, iê, iê, á. No
quintal da tua casa tem cultura alimentar. (bis)

TOADA DE ABERTURA DA FESTA DA COLHEITA

(L: Pe. Machado e Ir. Siebra; M: D.P.)

1. Esta festa comemora toda a nossa produção./ Nossos frutos da lavoura, nossa boa criação./ Também a coleta d'água pro tempo da precisão, aê. (bis)

2. Para ter boa colheita valeu o planejamento./ Se plantou de tudo um pouco, com grande contentamento./ Respeitando a natureza, garantindo o sustento, aê. (bis)

3. Trabalhando em nossa terra tudo é bem animado./ Podemos plantar de tudo e criar por todo lado./ Aves, animais, abelhas, todos ficando ocupados, aê. (bis)

4. A gente se organizou pra usar nosso arado./ Com a casa de sementes, mutirão para o roçado./ Defensivos naturais, tudo por nós preparado, aê. (bis)

5. Nesta nossa produção a família se envolveu./ Cada qual com seu talento, muito se desenvolveu./ A vitória é de todos, nossa união cresceu, aê. (bis)

6. Não tá certo o que vemos, maltratar trabalhador./ Pra vendermos o que sobra e perder o seu valor./ O governo não defende, desanima o produtor, aê. (bis)

7. Por isso, companheirada, vamos dar um passo à frente./ Pra que todos tenham terra, seu arado, sua semente./ Dar o preço aos produtos, dando mais valor a gente, aê. (bis)

8. Pra melhorar nossa vida, camponês valorizar./ Cada qual com sua indústria, pra comercializar./ Elevando a economia para todos do lugar, aê. (bis)

9. Viva nossos aliados nesta luta com fervor./ Viva o povo que trabalha, derramando seu suor./ Terra, água e direitos, o Brasil será melhor, aê. (bis)

10. Pela boa produção nós cantamos de alegria./ Dando graças ao Bom Deus pela força e valia./ Nossa meta seja sempre conquistar cidadania, aê. (bis)

TERRA E RAIZ

1. A chuva cai sobre a natureza e a planta cresce, gerando a riqueza/ e o trabalhador planta com certeza pra não faltar o pão sobre a nossa mesa.

A terra guarda a raiz da planta que gera o pão./ A madeira que dá o cabo da enxada e

do violão. (bis)

2. Liberdade é pão, é vida, terra mãe, trabalho e amor./ É o grito da natureza, viola de um cantador.

3. É o povo em movimento contra as cercas da concentração./ Um sorriso de felicidade e a história na palma da mão.

TREM DAS ONZE

(Adoniran Barbosa)

1. Não posso ficar nem mais um minuto com você./ Sinto muito amor, mas não pode ser./ Moro em Jaçanã./ Se eu perder esse trem que sai agora às onze horas,/ só amanhã de manhã.

2. E além disso, mulher, tem outra coisa:/ minha mãe não dorme enquanto eu não chegar./ Sou filho único,/ tenho minha casa pra olhar./ Não posso ficar.

TÁ LINDO DEMAIS

(Zé Martins)

Esse momento tá, tá lindo demais. (bis)

1. Tem amizade, tem paz de verdade, tem muita união./ Tem comunidade, tem muita igualdade,/ nós somos irmãos.

2. Tem liberdade, tem fraternidade, tem graça e calor./ Tem comunhão no vinho e no pão,/ também tem amor.

TOCANDO EM FRENTE

(Almir Sater)

1. Ando devagar, porque já tive pressa e levo esse sorriso, porque já chorei demais./ Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe, eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei. E nada sei.

Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs./ É preciso amor pra poder pulsar, é preciso paz pra poder sorrir, é preciso chuva para florir.

2. Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente./ Como um velho boiadeiro levando a boiada, eu vou tocando os dias, pela longa estrada, eu vou, estrada eu sou.

3. Todo mundo ama um dia, todo mundo chora, um dia a gente chega, noutro vai embora./ Cada um de nós compõe a sua história e cada ser em si carrega um dom de ser capaz, de ser feliz.

TERRA DA LIBERTAÇÃO

1. Da terra tão seca já brota uma flor,
afagando prantos de riso e de dor./ Correntes
se quebram, as cercas tombando, uma nova
era da história brotando.

Dentro da noite escura, da terra dura, do
povo meu,/ nasce uma luz radiante, no peito
errante, já amanheceu. (bis)

2. Mãos se entrelaçam na luta por pão,
repartindo a terra da libertação./ Regada com
sangue, com prantos de dor, silêncios se
quebram num grito de amor.

3. Ninguém para as águas que correm pro
mar, nem mata a semente de um novo raiar./
Que brota do povo em corrente de união,
cultivando a terra da libertação.

TODA SEMENTE

1. Toda semente é um anseio de frutificar/ e
todo fruto é uma forma da gente se dar.

Põe a semente na terra, não será em vão:/
não te preocupe a colheita, plantas para o
irmão. (bis)

2. Toda palavra é um anseio de comunicar/ e
toda fala é uma forma da gente se dar.

3. Todo tijolo é um anseio de edificar/ e toda
obra é uma forma da gente se dar.

4. Todo poema é uma forma de se expressar/
e todo canto é uma forma da gente se dar.

TERRA PROMETIDA

(Miroval Marques)

1. Doce lar meu aconchego! Ó belo sertão./
Natureza que inspira o poema e a canção./
Na bravura e resistência, teu povo fiel./ Grata
terra prometida onde corre o leite e o mel.

2. A pobreza e a indigência cortam o coração
da gente./ Ações preconceituosas que
degradam o ambiente./ Faltam abrigo e
comida, saúde e educação,/ falta água pra
beber e molhar a plantação.

3. Povo humilde e abandonado, fruto da
escravidão./ A elite é atrasada, de um poder
sem compaixão./ Sertanejo nordestino, quer

viver e ter direito/ de poder fazer história e quebrar o preconceito.

4. E assim poder sentir ao som de um violão/ a quixabeira, o reisado, São Gonçalo e São João./ Do sertão ao pé da serra, do cerrado a beira mar/ ser parte da mesa farta, do almoço ao jantar.

5. A seca não é problema, isso ouvi de um viajante./ É da cerca e o sistema que fazem os retirantes./ Hastear nossa bandeira e expor sem desatino./ O Nordeste é a terra prometida aos nordestinos.

UM CLAMOR DE JUSTIÇA

1. Estamos chegando - ê, ê, ê./ Chegando e cantando - ê, ê, á./ Sambando revolta - ê, ê, ê./ Nós somos humanos - ê, ê, á.

Um clamor de justiça está no ar. (bis)

2. Ouvi o clamor – ê, ê, ê./ Deste povo negro – ê, ê, á./ Que clama, que luta - ê, ê, ê,/ por direito e justiça - ê, ê, á.

3. Cantamos rezando – ê, ê, ê./ Rezamos cantando – ê, ê, á./ A fé e a esperança – ê, ê, ê/ da libertação que vai chegar.

UM JEITO NOVO DE EDUCAR (Gilvan Santos)

Um novo tempo chegou, é hora de semear./ Unindo campo e cidade no direito de estudar (bis).

1. Brasil de tantas caras, abre teus olhos pra ver,/ que em meio a tantas terras teu povo vive a sofrer./ Passando fome e frio, sem saúde e educação./ Direitos negados a nós. Reforma no livro e no chão.

2. Enxadas, foice, facão, começam a brilhar. Em mãos cadernos e lápis, desenhando nova aurora./ Unidos a uma só voz, crianças, jovens e adultos. Educação é um direito em qualquer lugar do mundo.

UTOPIA

(Zé Vicente)

1. Quando o dia da paz renascer, quando o sol da esperança brilhar, eu vou cantar./ Quando o povo nas ruas sorrir e a roseira de novo florir, eu vou cantar./ Quando as cercas caírem no chão, quando as mesas se encherem de pão, eu vou cantar./ Quando os muros que cercam os jardins, destruídos, então os jasmims vão perfumar.

Vai ser tão bonito se ouvir a canção, cantada de novo./ No olhar da gente a certeza do irmão: reinado do povo.

2. Quando as armas da destruição destruídas em cada nação, eu vou sonhar!/ E o decreto que encerra a opressão, assinado só no coração, vai triunfar!

3. Quando a voz da verdade se ouvir e a mentira não mais existir, será, enfim./ Tempo novo de eterna justiça, sem mais ódio, sem sangue ou cobiça: vai ser assim!

VERMELHO

1. A cor do meu batuque tem o toque e tem o som da minha voz./ Vermelho, vermelhaço, vermelhusco, vermelhante, vermelhão.

2. O velho comunista se aliançou/ ao rubro do rubor do meu amor./ O brilho do meu canto tem o tom e a expressão da minha cor: “vermelho”!

3. Meu coração é vermelho, hei, hei, hei./ De vermelho vive o coração, ê, ô, ê, ô./ Tudo é Garantido após a rosa avermelhar./ Tudo é Garantido, após o sol vermelhecer. 4. Vermelhou no curral, a ideologia do folclore vermelhou./ Vermelhou a paixão, o fogo-de-artifício da vitória vermelhou.

XOTE AGROECOLÓGICO

(Igor Conde)

1. Já posso respirar e voltar a plantar,/ a terra renascendo, brotando sem parar./ É Agroecologia e agricultura familiar,/ com organização e resistência popular.

2. Cadê o arroz e o feijão? (Plantou e colheu)./ E o milho de São João? (Plantou e colheu)./ E a agrofloresta, como tá? Transgênico e veneno desapareceu.

XOTE DA CERTEZA

1. Se algum dia perguntarem pra você/ não tenha medo diga com muita certeza:/ quem espera e não se cansa com a peleja,/ vai ver um dia tempo novo amanhecer./ Afirme alto, grite forte e sem demora,/ a luta é dura, mas jamais será em vão./ E só quem traz a cor do sangue em suas mãos,/ verá um dia a alegria da vitória.

Eu sei que vai acontecer,/ um dia novo, tempo bom de se viver./ Eu sei que vai, vai ser agora,/ o dia em que seremos donos da história. (bis)

2. Nesta manhã a alegria vai reinar/ e todo mundo será visto com irmão./ Fazendo festa na chegada da vitória,/ vamos pra frente, caminhando mão a mão./ Afirme alto, grite forte e sem demora,/ a luta é dura, mas jamais será em vão./ E só quem traz a cor do sangue em suas mãos,/ verá um dia a alegria da vitória.



LOCALIZAÇÃO E CONTATO

AEFAJA

Sítio Currais de Cima, s/n
Tabuleiro do Norte - CE
CEP 62960-000
coordenaefajag@gmail.com

REDES E FÓRUMS



Articulação
Semiárido
Brasileiro



COMO APOIAR A EFA Jaguaribana



PIX da EFA:
DoeEFAJaguaribana



FINANCIAMENTO
COLETIVO

www.benfeitoria.com/amigosdaefa

www.efajaguaribana.org.br

